

desenhar e ocupar

crianças na Mauá, Ipiranga e Prestes Maia

ie]  Instituto de
Estudos
Avançados da
Universidade de
São Paulo

USP

Marcia Aparecida Gobbi





Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Catálogo na Publicação
Divisão de Gestão de Tratamento da Informação da
Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais da USP

Gobbi, Marcia Aparecida

Desenhar e ocupar : crianças na Mauá, Ipiranga e Prestes
Maia [recurso eletrônico] / Marcia Aparecida Gobbi – São Paulo :
Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo,
2022.

119 p. : il. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-87773-32-2

DOI 10.11606/ 9786587773322

1. Desenho 2. Crianças – Sociologia 3. Movimentos sociais
urbanos 5. Espaços públicos I. Título

CDD (23.ed) – 372.5

USP

ie] **A** Instituto de
Estudos
Avançados da
Universidade de
São Paulo

Elaborado por Sarah Lorenzon Ferreira – CRB-8/6888

Ficha técnica

Autora

Marcia Aparecida Gobbi

Organização

Marcia Aparecida Gobbi

Preparação e Revisão

Nelson Barbosa

Projeto gráfico e diagramação

Marcia Aparecida Gobbi e Beatriz Bitu Boss

Fotografias

Marcia Aparecida Gobbi

Desenhos

Crianças das Ocupações Mauá, Ipiranga e Prestes Maia

Produção

Fernanda Cunha Rezende

■ Autoria incerta.
Ocupação Mauá.
Março de 2018.





Agradeço infinitamente às crianças moradoras das Ocupações Mauá, Ipiranga e Prestes Maia. Elas me/nos permitiram pesquisar, estar junto, aprender e continuar a vida em diferentes lutas, tão urgentes e que contribuem com as mudanças estruturais de que tanto carecemos nesse país. As crianças participavam ativamente e de diferentes modos ao longo das pesquisas das quais derivam os desenhos e fotos aqui presentes. Diálogos, gestos, olhares e silêncios foram fundamentais para refletirmos sobre estar com as crianças, pesquisar com elas e pensar conjuntamente sobre modos cotidianos de viver que serviram generosamente de fios condutores para conhecermos aspectos da infância em Ocupações na cidade de São Paulo. Quantas histórias cabem num desenho? Testemunhas e registros de um tempo, guardam um tanto de imaginação, poiesis, inventividades e foram tecidas conosco delicadamente. Podemos tocá-las e deixá-las nos tocar.

Agradeço à Ivaneti (Neti), Silmara, Vera, Divina, Karine, Maria, Graciele e às demais mulheres com as quais minha vida tem sido ocupada, tecida e se produzido, não apenas pelas pesquisas. Agradeço a quem faz parte do Grupo de estudos e pesquisas Crianças, Práticas urbanas, Gênero e Imagens, pela companhia nas pesquisas, ora mais, ora menos de perto e pelos aprendizados cúmplices; Beatriz Bitu Boss, pelas coisas que nem

agrade
cimen
tos

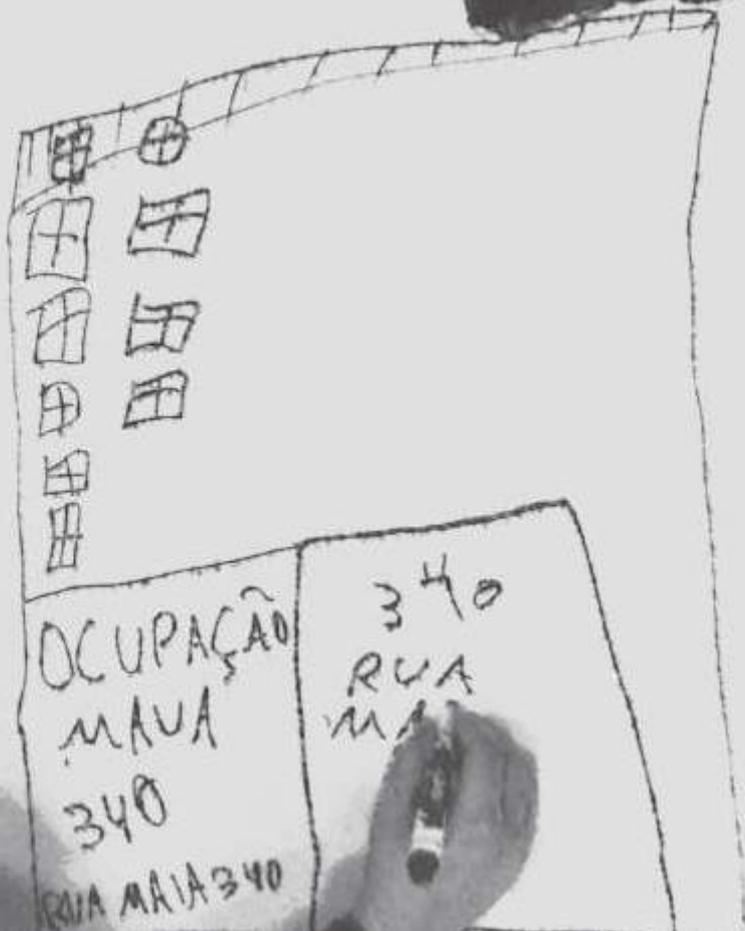
sei; Juliana Diamante Pito e Paula Martins Vicente, pelos bebês e pela ousada e corajosa companhia; Fabrícia Carla Viviani, Maria Cristina Stello Leite, Lilith Neiman, Cleriston Izidro dos Anjos, Nádia Massagardi Caetano, Margarida Barbosa, Priscila de Oliveira, e as recém-chegadas Vanessa Marques e Thaise Pacheco, e ao recém-chegado Ranulfo Cavalari Neto, e a todas/es as/es demais do grupo de estudos e pesquisas que vai se construindo entre risadas e brincadeiras, indignações, curiosidades pela vida buscando investigar com as crianças e mulheres e também por elas.

A produção deste livro, sem fins lucrativos, resulta fundamentalmente de pesquisa realizada no ano sabático feito no Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA-USP) em 2020. Agradeço a oportunidade e à Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, sem a qual não seria possível esta produção.

■ Autoria incerta.
Ocupação Ipiranga.
Novembro de 2019.

sumário

Prefácio	09
Sementes e árvores <i>Gianfranco Staccioli</i>	
Apresentação	15
Desenhos e crianças num pequeno mosaico de falas e escritas: Ocupações Ipiranga, Mauá, Prestes Maia Sobre as crianças nas Ocupações: ocupar, brincar, desenhar	
Parte 1	29
Ocupar: a cada vez que olhamos, o mesmo pode ser outro...	
Parte 2	53
As crianças, o livro, as lutas	
Parte 3	77
Elogio ao vaguear	
Parte 4	91
Desenhos da morada	
Referências	115
Lista de imagens	118



sementes e árvores

Gianfranco Staccioli [1]

prefácio

Gianni Rodari é conhecido em muitos países. Suas rimas e histórias para crianças, sua *gramática da fantasia* ainda são uma fonte de prazer e surpresas. Uma vez ele estava com Sergio Endrigo (um cantor e compositor italiano) e juntos eles escreveram uma canção que teve considerável difusão na Itália. As palavras do refrão diziam que “para fazer uma árvore você precisa de uma semente”. O trabalho realizado no livro parece ter sido feito especificamente para demonstrar esse simples conhecimento, esse profundo “conhecimento” que está ao alcance de todos. As pessoas que recolheram os desenhos aqui apresentados não desistiram diante das dificuldades ou desigualdades sociais ou pessoais. Elas não esperaram para ter condições mais favoráveis, não pararam diante das ferramentas limitadas que tinham à sua disposição, não recuaram diante do desconforto que as crianças dos bairros mais pobres de São Paulo estavam experimentando. Semearam suas sementes, sabendo muito bem que nem todas as sementes produzem árvores automaticamente. O cuidado de um ser vivo precisa de apoio constante, mesmo quando as árvores se tornaram mais fortes.

nota

[1] Presidente do Museu da Escola – Universidade de Florença.

Essas sementes lançadas produzirão algo. Essas relações sempre deixam bons traços.

Representações gráficas infantis podem estar ao alcance de todos. Apenas um lápis, um graveto, uma cor, um simples apoio e imediatamente as crianças começam a desenhar sinais e figuras. São histórias visíveis que mostram cliques da vida cotidiana, pensamentos, expectativas, desejos, histórias e condições pessoais e muito mais. Contudo, ter um espaço e um tempo para poder se comunicar graficamente não é uma oportunidade para todas as crianças, em todos os contextos e condições sociais. Não porque na escola ou em casa as crianças são impedidas de desenhar, mas porque a ideia que muitos adultos têm de desenhar está ligada à representação figurativa, quase fotográfica da realidade. Muitos professores ou pais estão relacionados à “compreensão” dos números. De acordo com essa ideia, as crianças devem desenhar uma figura humana ou objeto representando-a, tanto quanto possível, semelhante à “realidade” visual. O fato é, no entanto, que o que é desenhado nunca pode ser uma cópia dessa realidade. As crianças (mas também se aplica a nós adultos) estão imersas em um contexto, ficam animadas, percebem de forma diversificada, ficam abaladas com o que veem ou o que acontece ao seu redor. O que eles percebem é uma realidade vivida, não petrificada. Leonardo

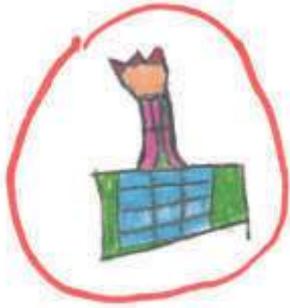
da Vinci escreveu há sete séculos que “a realidade não é como ela é, mas como parece para nós”. Não há realidade sem nossa reformulação. O que chamamos de realidade é uma mistura de objetividade e subjetividade. É uma realidade “adjetiva”: na vida sempre colocamos a nossa, somos nós que damos a cor usando as cores mais díspares.

Diante das imagens gráficas das meninas e meninos, não basta “reconhecer” as coisas que eles desenharam. Aquela casa, aquele cão, aquele pássaro, aquele coração traçado dentro de um arco-íris não são apenas o que podemos ver no único desenho. Há uma rima-canção infantil de Rodari que começa com essas palavras: “Coisas cotidianas contam segredos para quem sabe assistir e ouvi-los”. Os segredos que estão nos desenhos das crianças nem sempre são visíveis (caso contrário, que segredos seriam?). É preciso um esforço para ver até mesmo aquele invisível que está sempre em suas imagens. É preciso esforço e consciência. A consciência é dada pela crença de que uma imagem não “diz tudo” o que as crianças queriam dizer ao desenhar. O esforço é saber como abordar, como educadores, com cautela e delicadeza as meninas e meninos que desenharam, para ajudá-las a compartilhar pensamentos, histórias e aquelas tentativas gráficas que ocorreram ao longo do tempo da construção da imagem. Um esforço para apoiá-los em dizer “suas



singulares concepções de mundo, suas expectativas de mundo onde viver”.

Os traços e figuras que são desenhados pelas crianças, além do que elas mostram aos olhos, contêm intenções e mensagens que às vezes não são claramente definíveis tanto para aqueles que as criam quanto para aqueles que olham para elas. Roland Barthes chamou a fotografia de “meio bizarro” (*A câmara clara*), mas a definição também é aplicável àqueles que se encontram observando desenhos infantis. Toda produção gráfica infantil pode ser encarada como *um studium* (ou seja, desenhar dados informativos, destacar o que é visto, registrar os dados que a imagem oferece), ou vê-lo como *um punctum* (sendo intrigado, tocado, animado, envolvido). *Punctum* significa punção, para pequeno buraco; ele representa o corte, para a flecha que perfura. É saber olhar os desenhos das crianças sendo varados por eles, entrando na imagem. Não somente em seus elementos formais constituintes (linhas, formas, cores), mas sim nos pensamentos que os produziram, nas histórias que os despertaram, nas emoções que os desencadearam. Acolher as imagens das crianças é tentar entrar com modéstia e relatividade em um mundo projetado que se desloca por soluções que surpreendem, que falam com uma linguagem que alude, sem oferecer soluções certas ou estereotipadas.



■ Maria Vitoria Freitas de Lima.
Ocupação Mauá. Março de 2018.

Marcia Gobbi e as educadoras que se envolveram com ela nesta pesquisa sabiam que tinham que trabalhar em um contexto desafiador em que no cotidiano há desemprego, falta de moradia, pobreza. Mas também sabiam que eram portadores de “sementes”. Sabiam que crianças de todas as idades, gêneros, classes sociais, culturas precisam desenhar “encontrando e produzindo brechas no cotidiano”. E sabiam que para atender essa necessidade toda criança pode usar qualquer tipo de apoio (papel, chão, parede...). Diante desse forte ímpeto de querer se comunicar através de imagens, lançaram suas “sementes”, elementos indispensáveis – como cantou Sergio Endrigo – para cultivar árvores. Eram sementes/palavras que são chamadas de boas-vindas, escuta, acompanhamento, apoio, entusiasmo, confiança. Há certamente essas referências que os adultos têm usado para abordar com respeito aqueles que aparentemente são mais frágeis, aqueles que estavam mais expostos à época. “Sementes” serão capazes de desenvolver uma floresta exuberante e diversificada de árvores? Não sabemos, mas esperamos que sim.

■ Ocupação Mauá.
Acervo pessoal da autora. 2019.



**desenhos e crianças num pequeno mosaico
de falas e escritas:
Ocupações Ipiranga, Mauá, Prestes Maia**

*“Nós precisamos empoderar nossas crianças.”
Ivaneti Araújo, Ocupação Mauá*

apresentação

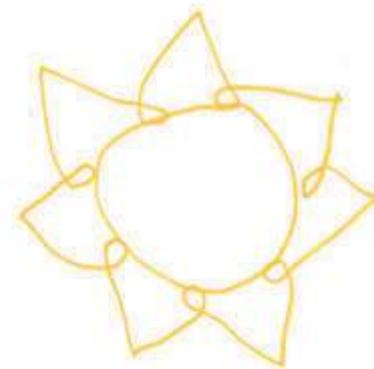
É fundamental enfrentarmos o que estamos vivendo e protagonizando neste período, não apenas como testemunhas da história, mas como sujeitos que a constroem, de forma a compreender e, quem sabe, mudar estruturalmente o atual rumo das coisas. São muitos os desafios. Atualmente, parece prevalecer certo sentimento de vazio que silencia, engessa, torna enfadonho viver e lutar pela vida de modo individual e/ou coletivamente. Para boa parte da população a retirada da possibilidade de vida plena e realizada tem resultado na perda de crença em si mesma e no rompimento de algo visto/percebido/sentido como destino, sobretudo no campo da política. A imaginação, alimento fundamental contra esse sentimento, pode ser percebida ao largo do cotidiano que, programado, delinea práticas pouco inventivas no dia a dia. O que fazer? Há brechas nesse abafamento?

Neste livro não trazemos respostas objetivas a esses questionamentos, mas buscamos provocar alguns pensamentos iniciando com o folhear de suas páginas e o debruçar-se sobre os desenhos elaborados por crianças em situações específicas de pesquisas no urbano e na luta por moradia. Assim como desenhar, ler e escrever são entendidos nesta obra como atos de criação. Buscamos diálogos com quem nos lê e observa as imagens desenhadas. Nesse processo nos perguntamos sobre as crianças e suas especificidades em manifestações concretas, por exemplo, desenhar, brincar, em gestos fotografados, em relações entre elas e com pessoas adultas e o espaço. Quantas histórias estão contidas numa imagem? E quantas há nos desenhos criados por elas? No aparente disparatado de alguns traçados produz-se assuntos alimentados de inventividades, percepções acerca do mundo nas tantas labutas diárias.

Na tentativa de caminhar junto, dentro do possível, optou-se por contar com uma apresentação feita numa espécie de mosaico simples com colagens de textos e trechos de depoimentos que pretendem, vagarosamente, produzir mais formas de pensar a infância e a educação relacionando-as a questões urbanas e movimentos sociais de luta por moradia. É importante ressaltar que esta apresentação foi escrita considerando diferentes fontes: 1. Conversas-gravadas feitas

com algumas moradoras das Ocupações Mauá, Ipiranga e Prestes Maia, situadas na região conhecida como centro da cidade de São Paulo, mães e/ou avós das crianças desenhistas, e que versaram sobre concepções de infância e o que é ser criança em ocupação a partir de práticas presentes no/do cotidiano vivido e produzido por todas; 2. Reflexões escritas à mão feitas por Dona Vera (Ipiranga), as quais resolvemos deixar como originalmente produzidas, escolhendo e inserindo trechos. O combinado era manter a letra feita à mão – inequívoca fonte histórica – expressão de tantas emoções e práticas culturais; 3. Relatos feitos antes da pandemia com integrantes da coordenação do movimento social Movimento de Moradia na Luta por Justiça (MMLJ), nas figuras de Ivaneti e Graciele.

Escrever, assim como desenhar, pode ser compreendido como ato de subversão, a depender de quem o faz. Ao refletirmos sobre as brechas possíveis dentro de uma espécie de asfixia coletiva, vimos, ora mais, ora menos resistentes, movimentos, coletivos, grupos de pessoas que se erguem em levantes. Muitos projetos pedagógicos e sociais pululam nas distintas regiões do país e têm envolvido crianças. Destacamos, entre tantos, as crianças de motoca, no projeto “motoca na praça”, em que meninas, meninos e meninas da da Educação Infantil pública andam com suas professoras pela Praça da República e outras nas



■ Autoria incerta. Ocupação Mauá. Março de 2018.

periferias da cidade de São Paulo^[2]. Elas irrompem paisagens opacas, de ritmos frenéticos e profundamente agressivo e contribuem com a produção de outras relações entre espaço público e cidade **com as crianças** numa expressão de ousadia fortemente criativa. Não se trata de pensar de modo alheio ao que ocorre ou tingir a infância de cores alegres e pueris conferindo uma perspectiva universalizante corroborando com pensamentos pouco analíticos ou críticos, mas sim de pensar que **com** elas é possível questionar alguns campos, como a política e a própria vida em suas características singulares, e enfrentar a inércia ou o silenciamento fundados a partir de táticas de fragilização e quem sabe sair delas.

nota

[2] Refiro-me respectivamente ao projeto da professora Lívia Arruda, na Escola Municipal de Educação Infantil Armando de Arruda Pereira, situada na Praça da República, e ao projeto do CEI Jardim São Joaquim DRE Campo Limpo – Região da Guarapiranga, aqui representado por Natália Tazzinazzo, ambos na cidade de São Paulo. Para outras informações, ver: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/06/05/a-bordo-de-triciclos-criancas-distribuem-flores-e-desbravam-centro-de-sp.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2022.

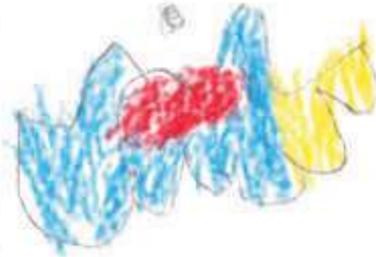
Os desenhos contidos neste livro foram elaborados pelas crianças moradoras e também produtoras das Ocupações Ipiranga, Mauá e Prestes Maia. Eles foram criados individualmente, mas em alguns casos, a partir dos diálogos estabelecidos com colegas, ou, numa composição a várias mãos. Sem negar algumas das privações presentes em suas vidas, sublinha-se a existência do prenúncio de uma relação comunitária, um parentesco alargado, não apenas consanguíneo, mas feito nos laços de vizinhança entre as crianças e familiares. Isso se faz também pelo “movimento” que, ao produzir sentidos de luta e morada entre as/os/es ocupantes, produz infâncias em

relação com o urbano, com movimentos sociais, com os espaços públicos, com a educação criando e evidenciando diferentes formas de lutar pela vida. Crianças que vão se tornando familiares, nos vários sentidos do termo. Com os desenhos e no ato de desenhar, é como se elas, generosamente, nos convocassem e nos emprestassem a sua imaginação para que, com ela, pensássemos novas possibilidades de vida, de produção de mundos e não só, para que as conhecêssemos a partir de um ponto de vista possível, qual seja, o das crianças. . Imaginação em desenhos que podem nos nutrir. Mora nisso, mais um entre tantos potenciais dos desenhos criados pelas crianças: eles são flechas disparadas que podem atravessar tempos e espaços em forma e conteúdo em seus movimentos que servem como rastilho para compreendermos as crianças e suas vidas em Ocupações e fora delas. Ordinário e extraordinário do cotidiano mesclam-se em relatos, em assuntos, em traços, sem serem evidentemente compreendidos como provas do real.

sobre as crianças nas Ocupações: ocupar, brincar, desenhar

Entre as crianças não existe que con-
ceitos de raça, cor, religião e socializa-
ção de convivência com migrantes e imi-
grantes que é muito forte em ocupações.
No movimento elas o papel importante.
É presença chave para as famílias
permanecer no local da ocupação pre-
stendo as negociações.
É a tanto a soma luta constante
as crianças vivenciam deste o mo-
mento em que sua família partici-
pa tornando uma ocupante 90%+
das famílias, se entrega ao movimento
nas assembleias as crianças também

(Dona Vera, Ocupação Ipiranga)



Ahhh.. Ser criança pra mim, meu, é top, porque a criança tem direito de brincar, eu não tive infância. Eu acho bom a criança brincar, pintar. Tudo relativo à criança pra mim é bom. Ser criança numa Ocupação é bom. Aqui a gente não é preso, mas tem medo do que acontece lá fora. Mas aqui dentro as crianças jogam bola, brincam de carrinho. Ser criança na Ocupação e como ser criança em qualquer outro lugar. Elas são bem unidas, por elas mesmas, independentemente da idade, não tem diferença, se estiverem brincando no pátio é todo mundo junto. Podem brincar no pátio de bola, patins, skate, dançar e gravar videozinhos de tik tok.

(Graciele, moradora e membra da coordenação da Ocupação
Ipiranga)

Eu tenho filho e quero que ele tenha um lugar pra dormir, por isso a gente ocupa. Eu acho que o movimento [MMLJ] é uma mãe.

(Graciele, moradora e membra da coordenação da Ocupação
Ipiranga)

~ O que é ser criança e
viver sem sentir
Ora sentir e querer ser criança
E gostar de ser criança por uma
vida toda
E só lá quando chegamos no terceiro
estágio da nossa vida, temos a plena
consciência que é muito bom

(Dona Vera, Ocupação Ipiranga)

Quem esquece do Gabriel? Ele se pintou todo, foi demais. Porque criança tem que ser criança. Vai se sujar, tem que ser assim. Minha pequena faz massinha de farinha e depois toma banho, se lava.

*(Graciele, moradora e membra da coordenação da
Ocupação Ipiranga)*

Toda criança tem direitos. Direito de ir e vir, a lazer, a educação de qualidade, mas eu vejo que o direito é violado. Eu não tive infância, eu fui trabalhar na roça com 8 anos. Quanto à vida das crianças aqui, eu creio que elas curtem. Num momento em que o prédio estava com ameaça de reintegração de posse, as crianças desenharam o prédio, as suas casas e escreviam: seu juiz não coloca a gente pra fora, eu gosto muito daqui, não temos pra onde ir, eu gosto dos meus amigos, ajuda a gente. Elas conseguiram pôr no papel o que sentem.

*(Ivanete Araújo, coordenadora no Movimento de Moradia
na Luta por Justiça – MMLJ)*





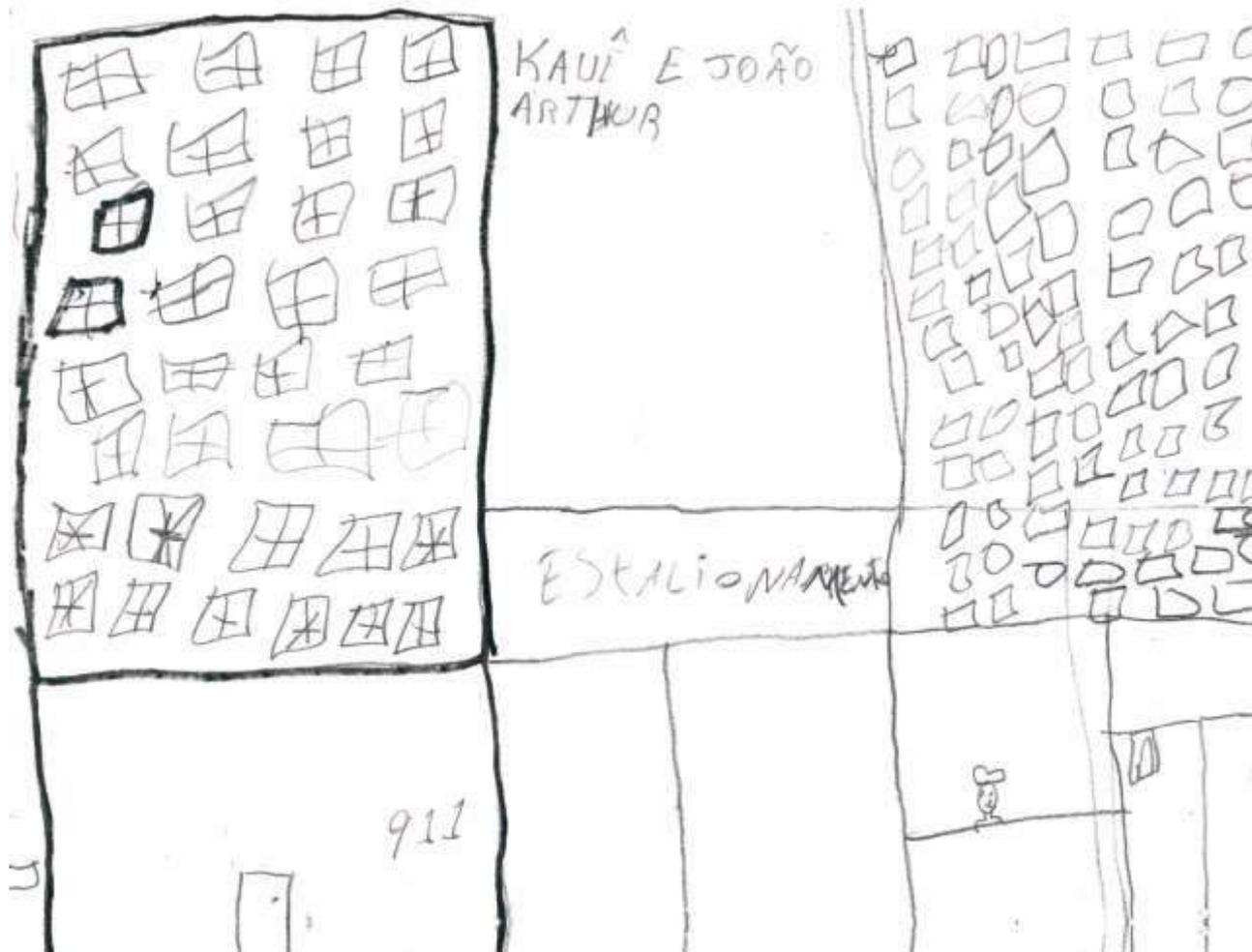
■ Autoria incerta.
Ocupação Mauá.
Fevereiro de 2020.

Buscamos apresentar alguns pontos de vista e aspectos que percorrem o livro a partir de breves reflexões. Entendemos que não cabe definir o que é ocupar ou desenhar, essa compreensão vai se tecendo a cada fala escutada, e, sobretudo, estando ao lado, junto às crianças e às pessoas adultas. Acredita-se que essas poucas e ricas reflexões poderão ser continuadas por outras pessoas, leitoras e por quem folheia e olha os desenhos, fazendo-se como obra aberta, podendo ser multiplicada em outras paragens, em pensamentos, diálogos, pesquisas. Do mesmo modo, compreendemos que ser criança em Ocupações, assim como em tantos outros lugares, se faz de modo plural, não cabendo uma afirmação conclusiva e única. Essa é uma definição que vai se fazendo e se desfazendo na dinâmica do dia a dia e, repetimos aqui, exige estar junto e ouvi-las, seguir seus traçados, seus gestos e silêncios. Este livro resulta da procura pelas crianças e por encontrá-las e às diferentes infâncias que elas constroem e que, por vezes, são construídas para elas à revelia. Não cabem respostas ou apresentações definitivas, mas, sim, criar algumas condições para se pensar sobre elas e seus desenhos e formas de lutas cotidianas num país de imensas desigualdades, mesquinho, com perversidades presentes cotidianamente. Mas, onde há também belezas que podem ser vistas e sentidas nas brechas, nas relações estabelecidas entre tantos grupos. Vê-se nos sorrisos, nos abraços que damos e

recebemos, nas gargalhadas que se fazem juntas e que também podem ser ouvidas com frequência.

O interesse é contribuir com reflexões sobre a, ainda, lacunar presença de crianças nos espaços públicos urbanos, em movimentos sociais, fora das instituições escolares, ou em sua intersecção, e sobre a urgência em tratarmos e entendermos as formas como os ocupam, se ocupam, desde bebês. Neste livro encontram-se majoritariamente desenhos e algumas fotos feitas pela sua organizadora desde antes da pandemia da Covid-19, cujo objetivo é convidar leitores para desenhar, observar e pensar conjuntamente. Entendendo que desenhos e escrita não competem entre si, buscamos manter alguns pouco textos ao longo da obra como forma de situar suas faturas, reflexões e processo de sua criação. É um convite fervoroso para que sejam dadas as devidas atenções às crianças que estão pelas mãos daquelas em luta por moradia, pelo direito à cidade como porta de entrada para tantos outros direitos, pela vida. É dar atenção às práticas cotidianas das crianças desde bebês pelas quais também produzem mundos, dentro do aparente impossível, outros possíveis.





a cada vez que olhamos,
o mesmo pode ser outro...

ocupar é verbo que me tomou e há tempos me convoca e inspira. Com ele convido todas, todes e todos^[3] a vaguear pelas imagens desenhadas por crianças e, em especial, as que se encontram presentes neste livro. Provocadoras, colocam-me a refletir sobre meninas e meninos que conheci, desde os bebês e as bebês, ao longo do tempo que permanecemos juntos nas ocupações de edifícios na cidade de São Paulo. Neste livro são apresentados desenhos feitos por crianças moradoras de três Ocupações^[4] situadas na região chamada central, ou histórica, da cidade de São Paulo.^[5] Contam-nos histórias produzidas também pelas crianças cotidianamente e, com isso, podem nos apresentar diferentes infâncias.

Antes de quaisquer outras palavras que visem situar leitores quanto à pesquisa que ensejou a produção deste livro, algumas reflexões são fundamentais para sua compreensão e continuidade nesta jornada. O intento de criar um livro com desenhos de crianças busca, dentro de limites, estar junto às próprias crianças e suas experiências singulares em distintas

notas

[3] Dentro do possível buscarei manter linguagem e escrita inclusivas ao longo do texto.

[4] Doravante a palavra ocupações será grafada com a letra “o” em maiúsculo por aglutinar o verbo e o ato político de ocupar. A junção dos sentidos pretende abarcar o protagonismo da população sem teto, no processo de produção de lugares de moradia. As Ocupações, então, são instrumento de luta e questionamento às reiteradas violações do direito à moradia e a todos os que dele derivam.

[5] Uso as denominações “região central” e “histórica” com ressalvas. Trata-se apenas de recurso para situar geograficamente os leitores, afinal não é apenas a “parte central” da cidade que produz e guarda “a história” de uma cidade. Como bem sabemos, essa história é construída cotidianamente em distintos bairros, condições e contextos sociais, políticos, econômicos.

condições em suas vidas. Os desenhos das crianças envolvem extrema complexidade em seus processos de criação e nos exigem tempo e respeito. Neste livro eles são manifestos com o desejo de guardar e tornar presente cada uma das crianças desenhistas, não somente as que se encontram nas próximas páginas em manchas, linhas e traços, mas as ausentes e que insistentemente continuam com seus desenhos a materializar, sonhar e produzir vidas e marcá-las em suas e nossas histórias, mesmo quando em condições precárias de vida. Afirmamos que nenhum dispositivo imagético contém seus significados em si, há que debruçar nossos olhos sobre eles e nos dispor a olhá-los. Como afirmou Didi-Huberman (2015), é necessário debruçar-se para ver melhor e de baixo, aproximando-se do objeto olhado, sem objetificá-lo, e buscando perspectivas inusuais. Afirmo que se trata de se deixar perturbar pelas imagens, e os desenhos feitos pelas crianças não ficariam à parte, pelo contrário. Seus desenhos buscam fazer dialogar com as memórias, encontros, direitos e desejos de uma tecitura que se estabelece entre adultas/es/os e crianças, objetivando uma rede de lutas e a construção do respeito a todas/es/os, em que os silenciamentos, as explorações e espoliações não estejam presentes em nenhuma forma.

O conjunto de desenhos que compõem este livro foi elaborado no contexto do trabalho de campo dos projetos de pesquisa “Crianças e mulheres em luta por moradia: na lida cotidiana, as escolas frequentadas e representadas” e “Imagens de São Paulo: moradia e luta em regiões centrais e periféricas da cidade a partir de representações imagéticas criadas por crianças”.^[6] Apesar dos diferentes desdobramentos e propósitos, o principal objetivo em ambas as investigações foi a busca pelas infâncias que, a seus modos, são produzidas e produtoras do espaço urbano e das lutas por moradia, frutos das transformações históricas que redundaram em aligeiramento das relações e práticas de poder que evidenciam as contradições e os conflitos sociais e políticos envolvendo também as crianças.

O déficit habitacional do Brasil é um grave problema de amplas proporções cujos números abarcam 3,035 milhões de famílias sem teto de acordo com a Fundação João Pinheiro (2020). O problema é resultado da ausência de políticas habitacionais que acaba por estimular o funcionamento excludente do mercado imobiliário. Há movimentos de expulsão em razão dos altos valores cobrados por aluguéis em regiões centrais pela proximidade de transporte público, comércio e serviços, bem como empregos, que asseguram qualidade de vida aos moradores e às moradoras, o que comprova a existência da cidade mercado

nota

[6] Projetos respectivamente associados ao Ano Sabático, realizado no Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA-USP), e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Agradeço à Pró-Reitoria de Pesquisa (PRP-USP) pela oportunidade, sem a qual investigações e livro não seriam possíveis.

que segrega, aliena e furta o tempo a ser vivido, reduzindo-o aos sabores do mercado imobiliário. Cabe nos indagarmos sobre a infância forjada nesse contexto e as condições em que suas vidas são produzidas.

O projeto *MapBiomias* Brasil divulgou na primeira semana de novembro de 2021 resultados de pesquisa compreendida entre os anos 1985 e 2020. Eles foram obtidos a partir do cruzamento de imagens com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e nos revelam que o crescimento da urbanização segue em ritmos diferentes no país. Segundo essa recente pesquisa, tivemos ao longo desses anos um crescimento de favelas do tamanho de 95 mil campos de futebol, ou 11 cidades como Lisboa, em Portugal. Entre os estados onde se encontra o maior número delas estão Pará e Amapá. Sobre as condições de vida durante a pandemia da Covid-19, o número de famílias despejadas aumentou em 333%, mesmo com a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que visava impedir despejos e desocupações até 31 de março de 2022. Março e agosto de 2020 registraram 6.373 famílias sem abrigo, em pleno auge da crise sanitária, número esse ampliado até fevereiro de 2022 para 27.618 famílias, segundo dados da Campanha Despejo Zero (2022).



No caso específico da cidade de São Paulo, os dados do Mapa da Desigualdade de 2020 produzido pela Rede Nossa São Paulo (RNSP) indicam que a média percentual de domicílios em favelas para a cidade de São Paulo é de 9,7%. Esse cenário se agrava quando são observadas determinadas regiões. Ainda de acordo com o mapa, o distrito Jardim São Luís concentra 69,5% de domicílios em favelas. O número é 911 vezes maior que o distrito de Pinheiros, no qual está a menor proporção de domicílios em favelas e Ocupações. Os números se tornam mais alarmantes, se não escandalosos, quando relacionados ao elevado número de imóveis ou terrenos ociosos que não cumprem os preceitos da função social da propriedade prevista pela Constituição Federal de 1988. Refletem a multiplicidade de sentidos e disputas presentes na composição de um Estado em desacordo, e onde se luta para que os direitos não sejam violados. Formas de reivindicar e morar são feitas cotidianamente – também pelas crianças – e compõem margens dentro e fora da lei numa dinâmica que produz outras regras debatidas coletivamente, ou nem tanto, em que sofrimento e leveza encontram acento permanente.

Nesse quadro de intensa exclusão urbana e habitacional, a sociedade civil brasileira, especialmente, em grandes centros urbanos, organizou-se para ocupar prédios e terrenos. É possível

afirmar que as Ocupações, além de lugar de moradia, produzem experiências e expectativas de outra cidade há décadas. Embora não seja a intenção deste livro tratar do urbanismo e processos de despejo e/ou favelização das cidades brasileiras, inegavelmente temas fundamentais, os poucos dados apresentados pretendem provocar pensamentos sobre a questão e sua relação com os contextos econômico, social e histórico, educacionais e as infâncias produzidas nessas condições. Certamente, apontamos diferentes Brasis cuja compreensão exige adotar distintos pontos de vista para entender como essa profunda desigualdade social afeta as crianças, e como elas se compreendem e representam a si em contextos e conjunturas em que preponderam agruras e a falta de condições materiais e emocionais para seguir a vida. É bom deixar claro que as vidas não são feitas apenas de privações e apertos. Há brechas em que elas se fazem alegres e leves, e é preciso compreendê-las nessa inteireza no ordinário e se constitui no secreto, no escondido, no oculto.

Embora não seja o foco deste livro, ressalto que a maioria dos domicílios ocupados em terrenos e edifícios tem as mulheres como referência econômica e de cuidados. Em campo, ao longo das pesquisas aqui mencionadas, foi possível constatar que elas, sendo jovens ou idosas, estão no centro dos processos decisórios

dentro das Ocupações. Elas protagonizam os cuidados e assistência às crianças, como observamos em diferentes famílias nas quais o arranjo familiar se dá a partir da mulher como provedora, planejadora e organizadora da casa, da luta social, da educação das crianças e idosos/as. Nesse arranjo, há uma produção de espaço que ocorre em relação entre as adultas e as crianças e também entre as crianças, desde o nascimento.



■ Autoria incerta. Ocupação Ipiranga.
Novembro de 2019.

ocupar é o verbo usado para provocar a pensar sobre o que os desenhos aqui contidos podem nos fazer. Meninas e meninos, desde bebês, ocupam espaços e os transformam em lugares. Ocupam cidades em diferentes modos de viver e lutar. Ocupam grupos familiares e de amizades, transformando-os de acordo com seus jeitos de ser. Às vezes, ocupam e não são vistos pelos mais diferentes motivos, e urge entendê-los. O cotidiano é também composto por brincadeiras e afetos, e os desenhos não estão à parte. Juntam-se a outras formas expressivas e conformam possibilidades de viver a vida. Os desenhos elaborados por crianças apresentam problemas e soluções de modos tão peculiares que, ocasionalmente, por estarmos em desatenção não entendemos ou os relegamos a patamares mais baixos numa escala, na qual historicamente adultas/es/os se colocam em condições de superioridade, mantendo e reforçando perspectivas adultocentradas.

As crianças usam diferentes suportes e os alteram com seus traços e assuntos que vão se fazendo ao serem desenhados. São tantas criações que nos desafiam a pensar, sobretudo aquelas feitas por bebês em suas garatujas, muitas vezes desprezadas por quem valoriza apenas as criações de crianças com mais idade. Até quando alguns adultos ou adultas lhes dizem que não podem desenhar, as crianças desenharam, encontrando e produzindo

■ Esculturas com argila. Ocupação Ipiranga. Acervo pessoal da autora. 2019.



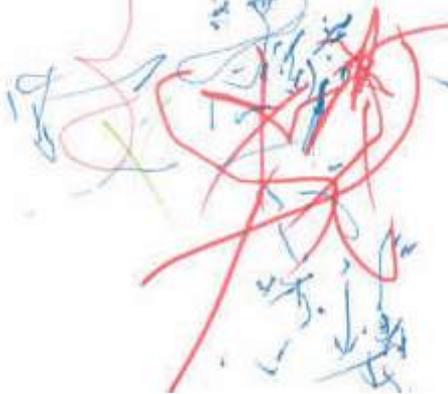
brechas no cotidiano, no qual muros, terrenos, pisos, paredes tornam-se suportes em que traços e cores são utilizados diferentemente de acordo com gênero, raça, idade, classe social e, por isso, expressam lugares, condições e desejos em relação ao mundo, além de possibilidades de pensarmos outros mundos com as crianças a partir de sua imaginação e imensa capacidade inventiva.

A perspectiva dessas crianças por outra cidade encontra-se talhada com as lutas cotidianas das Ocupações, construída com diferentes pessoas, entre elas suas mães e seus pais, avós, irmãs e irmãos. Seguem além por manifestarem sentidos, sentimentos, desejos, expectativas e demandas, os quais precisam ser respondidos de alguma forma. Por isso, podemos afirmar que as crianças quando presentes também politizam a cidade e a *criancizam*^[7] concomitantemente. Há que forçar a vista e perceber o não visto: as crianças, suas presenças, e ausências, em diferentes lugares e em seus desenhos e demais manifestações expressivas.

Mesmo diante de imposições aparentemente sem sentido, autoritárias e que, muitas vezes, as desqualificam, as crianças criam, inventam e nos mostram, a cada instante, que imaginar é um modo radical e profundo de pensar. Imaginação está – ou

nota

[7] Peço licença para a criação e uso deste neologismo para indicar a presença das crianças numa possível construção de um lugar da criança que informa percepções, experiências e ações no espaço urbano e sua produção.



■ Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.



■ Jogo de futebol. Ocupação Mauá. Dezembro de 2019.

devia estar – ligada visceralmente às práticas políticas e não podem deixar de ser seu alimento. Dessa forma, elas nos provocam a continuar imaginando, (re)pensando e produzindo as relações entre adultos/es/os e crianças, meninas/es/os. Elas também seguem deixando suas marcas perceptíveis nas brechas produzidas cotidianamente, mais ou menos visíveis em paredes, papéis, corpos, brinquedos, mesas, chãos e nas escolas, ainda que apenas para colorir, de modo a cumprir currículos propostos, à revelia de estudantes e comunidades. Desse modo, essa emblemática expressão encontra-se dentro e fora e contribui com a produção de distintos espaços. Espaços e objetos tornam-se outros ao serem envolvidos pelas mais diferentes linhas e traçados que interrompem vazios e criam de modo sofisticado sobre e entre eles, abarrotando-os de ideias e cores. Os desenhos comportam-se, nesse caso, como guardiões de experiências em que “uma linha desenhada é importante por aquilo que nos leva a ver”, como afirmou Taussig (2011). Por meio da expressividade infantil – mas não só –, os desenhos carregam cargas afetivas e da memória, de histórias, mais ou menos efêmeras. Eles portam grande capacidade de conectar imaginação, conhecimento e diferentes informações, possibilitando a quem se debruce sobre eles e os olhem a se encontrar com o visível e o invisível desenhados e de quem os fez.

Nos desenhos aqui apresentados, desenhar/ocupar mistura-se ao ato de apropriar-se de si e da própria morada. Os traços evocam suas presenças e as constituem presentificando a infância nos lugares, nesse caso, nas Ocupações. Ao desenhar, as crianças se apropriam de cada espaço, fazendo-o lugar de encontro com as diferenças. Nesse encontro se constroem e produzem suas histórias com suas singulares concepções de mundo, construídas a partir e entre seus pontos de vista e suas expectativas de mundos onde viver.

Seus registros parecem traduzir buscas por soluções plásticas e as evidenciam nos desenhos de suas casas, da morada ocupada, de seus mais diversos desejos, nos desenhos de certos recônditos da cidade que, sendo mais ou menos visível, a constitui ao mesmo tempo em que é composta por elas. Algumas vezes suas criações são percebidas como aparentemente caóticas; em outras, organizadas e/ou acolhedoras. Nos desenhos constam maneiras de estar no mundo. À moda das crianças, eles nos apresentam suas histórias de lutas e conquistas, a história que dignifica moradoras e moradores que buscam desenhar novas formas de viver na cidade através das Ocupações. Isso se faz entre momentos felizes e nem tão felizes, em que são necessárias as criações de formas de sobrevivência dentro das agruras diárias. Isso ocorre individual e coletivamente, nas

famílias consanguíneas e outras configurações familiares de diferentes ordens, bem como na construção de cuidados, amizade, solidariedade e outros atos de teor político, como é possível também na infância.

■ Cartaz na entrada da Ocupação Mauá. Acervo pessoal da autora. 2019.







■ Desenhos. Ocupação Ipiranga.
Acervo pessoal da autora. 2019.

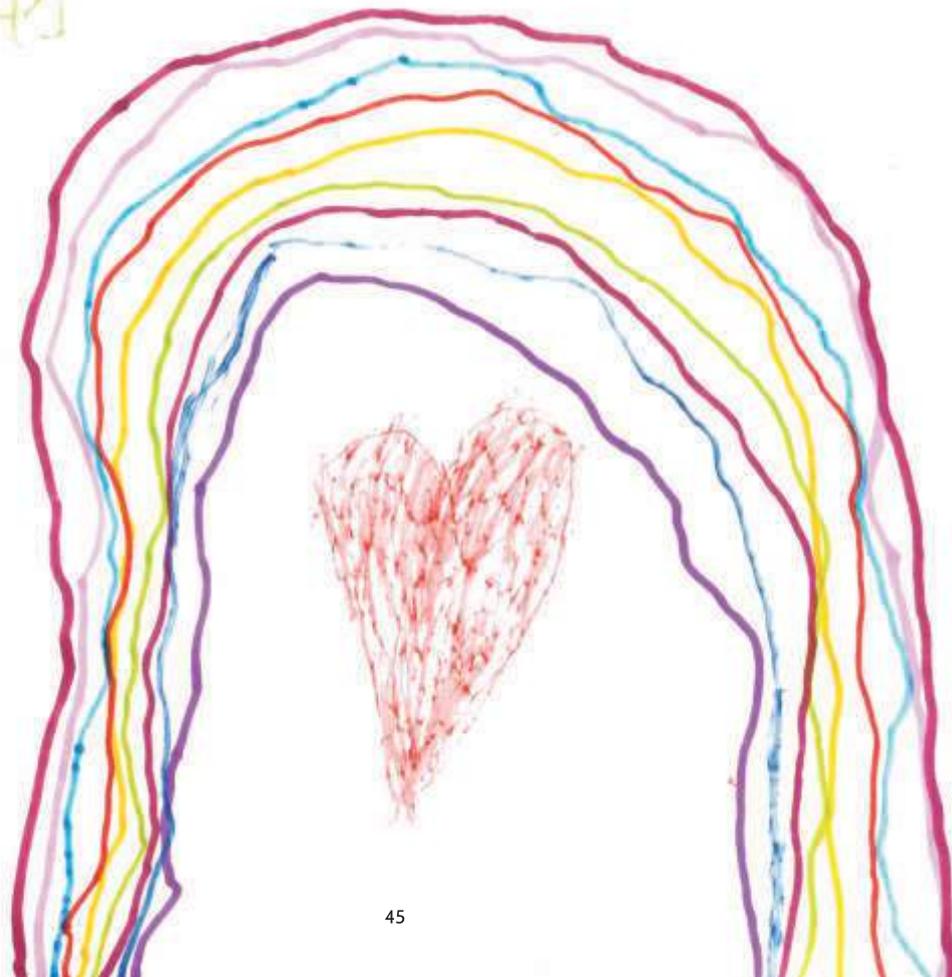


■ Autoria incerta: desenho realizado por
menina moradora da Ocupação Prestes Maia em 2019



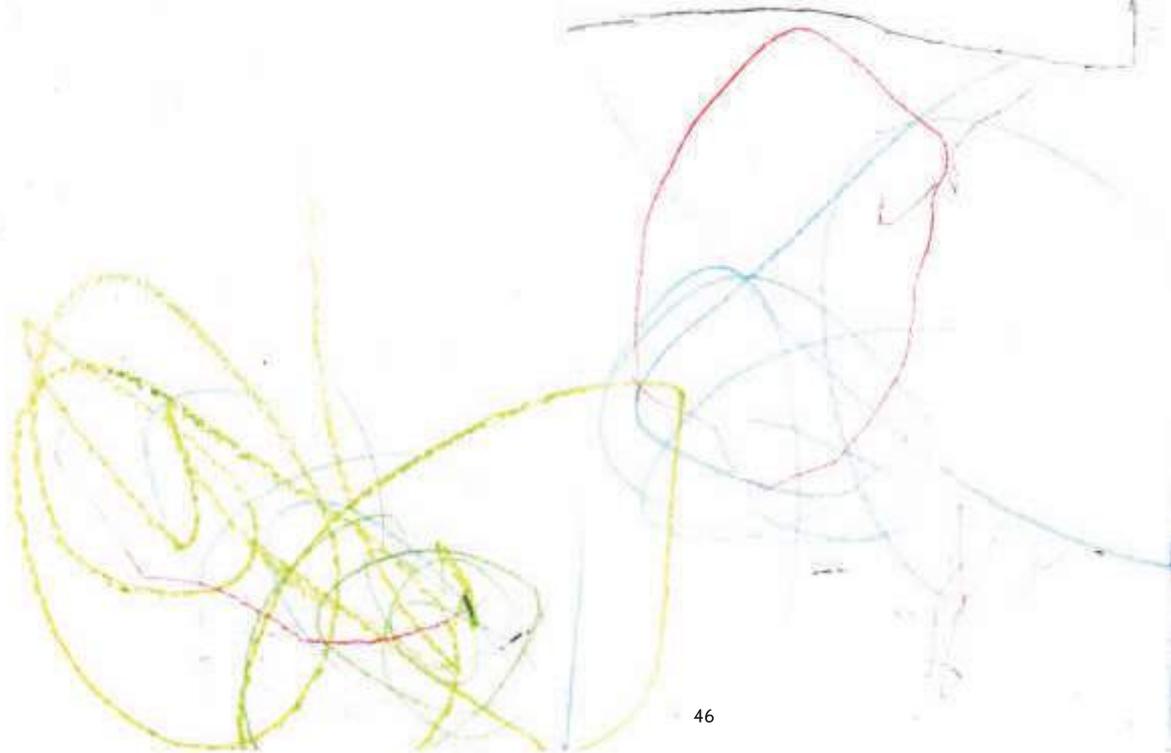


MAU



■ Autoria incerta.
Ocupação Mauá.
Fevereiro de 2020.

■ João Pedro. Autoria incerta.
Ocupação Prestes Maia.
Novembro de 2019.



ENZOH

desenhar e ocupar: crianças na Mauá, Ipiranga e Prestes Maia | parte 1







■ Kiara. Ocupação Mauá.
Acervo pessoal da autora. 2019.







■ Autoria incerta.
Ocupação Mauá.
Fevereiro de 2020.

as crianças, o livro, as lutas

Este livro apresenta desenhos criados em diferentes situações em que estivemos – Marcia, Paula, Maria, Lilith, Juliana^[8] – com crianças moradoras das Ocupações Mauá, Prestes Maia e Ipiranga. Essas Ocupações estão situadas nas regiões pertencentes aos dez distritos centrais da cidade de São Paulo. Segundo observações de pesquisa, a existência dessas Ocupações tem transformado muito positivamente os locais onde se encontram. Mesmo com a precariedade e insalubridade de muitos de seus cômodos e pátios, elas animam e fortalecem as relações entre as pessoas que os habitam e passam por lá por diferentes motivos: festas, pessoas em busca de cuidados – alimentos, medicamentos, abrigo – e demais reuniões envolvendo formação de pessoas em lançamentos de livros, debates, almoços. Isso altera e/ou coloca em suspensão o tempo, os ritmos e os espaços ao redor, transformando-os ao serem dinamizados.

Os projetos de pesquisa, já mencionados, foram realizados entre os anos 2018 e 2020. Abarcam, portanto, momentos durante a pandemia da Covid-19, implicando alterações no

nota

[8] A todas agradeço enormemente por estarem nestas pesquisas, com suas/nossas curiosidades, sem as quais não se faz pesquisas. Em vários momentos estiveram comigo compondo metodologias e tantos afetos, saindo com mais questionamentos do que portávamos a cada entrada, mas também buscando e formulando respostas que nutriam as investigações concomitantemente. Paula Martins Vicente, Maria Stello Leite, Juliana Diamante Pito, Lilith Neiman, pelo grupo Crianças, Práticas urbanas, gênero e imagens.

Enzoh



projeto inicialmente proposto ao Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP). Ao longo da pandemia, a metodologia de pesquisa, antes presencial, sofreu alterações profundas atendendo os protocolos de saúde. O distanciamento físico impôs a permanência em casa, o que fora cumprido à risca pelas crianças e pelos familiares moradores das Ocupações pesquisadas. Se, por um lado, ficar em casa era fundamental para manter a vida, isso, por outro lado, também contribuiu para o aumento de perdas e empobrecimentos pela impossibilidade de manter os já precários empregos e fontes de renda, demandando formação de grupos externos e internos em solidariedade. A produção de pesquisa em que se privilegiava a presença da pesquisadora ao longo do processo de sua elaboração cedeu espaço a contatos fortuitos por redes sociais e entregas a distância de materiais para desenho. Foram criadas condições para manter alguma comunicação e desenhar a distância. A decisão quanto à permanência e algumas práticas em campo referentes ao trabalho de pesquisa foi tomada coletivamente pelas crianças em diálogo com suas mães, avós e com a coordenadora das Ocupações. Essa deliberação é a expressão de uma ação coletiva e não hierarquizada que busca o constante aprendizado sobre diferentes modos de resistir e pesquisar.

Dentre as ações desenvolvidas para enfrentar as limitações do distanciamento social, especialmente no primeiro ano de pandemia, destacam-se a criação do *podcast* “**em**movimentos”^[9] e a distribuição de caixas decoradas com materiais para desenho contendo lápis, caneta hidrocor, papeis, giz de cera, massas de modelar. Elas se apresentavam como *kits* que eram deixados na portaria de duas Ocupações, Mauá e Ipiranga, que, além de pertencerem ao mesmo movimento social Movimento de Moradia Luta e Justiça (MMLJ), são próximas geograficamente. Junto a eles havia questionários com perguntas fechadas sobre a vida no início da pandemia e termos de autorização para a pesquisa que passava a acontecer em outro formato. O objetivo era conhecer as mudanças nesse contexto trágico, utilizando o questionário e os desenhos – que podiam ser feitos pelas crianças e as mulheres, mães e/ou avós. Neste livro constam apenas os desenhos elaborados pelas crianças e que trazem motivos relacionados à pandemia, sobretudo ao uso de máscaras.

A prerrogativa de escutar e dialogar com as crianças indica que o livro e a pesquisa que lhe dá origem não se pretendem neutros. Estamos diante de um projeto de governo que se finge caótico para poder existir em conformidade com outros projetos que aumentam as misérias já existentes. Vidas são

nota

[9] *Podcast*: “**em**movimentos”. Produção: Grupo de pesquisa “Crianças, práticas urbanas, gênero e imagens” da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://youtube.com/emmovimentos>>. Acesso em: 9 abr. 2022. Como forma de colaborar para a compreensão da pandemia e protocolos sanitários produzimos três pequenos vídeos a partir de desenhos feitos pelas crianças. Foram produzidos no Grupo “Crianças, práticas urbanas, gênero e imagens” por Nádia Massagardi Caetano, Beatriz Bitu Boss e Paula Martins Vicente. Podem ser encontrados no site <www.entrimagens.com.br>.



■ Tintas, Ocupação Mauá. Acervo pessoal da autora. 2019.

menosprezadas: negras, indígenas, pobres, de mulheres, imigrantes, trans, homossexuais, crianças e tantas outras, incluindo aquelas que ardem em chamas nas florestas. Para alguns gestores associados a este projeto político, a vida de algumas crianças (justamente por conta de suas características indesejadas, por exemplo, as condições de periféricas, pretas e pobres) são descartáveis. É nesse contexto de embate que este livro se faz e afirma a importância das crianças como forma de aprender com elas a pensar e agir em direção a uma utopia do possível, na acepção do filósofo Henri Lefebvre. Como as vidas das crianças encontram-se nas evidências das contradições que enredam as cidades, a compreensão do mundo que se forja junto à utopia promotora de projetos futuros não pode se dar sem as crianças, desde as/os bebês. Escutá-las é ato político e considerar suas falas, gestos e posturas remete à utopia do possível, com elas.

Dessa forma, no processo de elaboração deste trabalho aprendemos, dos mais distintos modos, que a construção da infância, ou dessa infância, se faz em um contexto de privação de direitos, em que o Estado se faz presente e ausente ao mesmo tempo, mas também de relações leves de amizades, solidariedades e reconhecimentos. Ela se mostra como um ato de resistência, de adultos e das crianças. Afinal, “*quem não luta tá*

morto”, como diz Ivanete Araújo, a Neti, coordenadora das Ocupações mencionadas. Aprendemos a escutar e enxergar essa fala em diferentes formas e situações na tentativa de conferir vida e força onde não as querem.

Acreditamos que a apresentação de imagens criadas pelas crianças colabora para a produção de conhecimentos não apenas sobre a infância, mas sobre imagens. Lembremos, pois, que os desenhos não são cópias do real, não podemos forçá-los a informar o que não informam. Cada uma e cada um que olhá-los terá impressões e produzirá conhecimentos diversos acerca do visto e criado, nesse caso, pelas crianças. Eles nos apresentam aspectos de suas histórias no contexto de luta por moradia e nas moradias que resultam dela, são também fontes documentais criadas pelas crianças, são artefatos culturais produzidos por elas. Há que olhá-los e vaguear por suas linhas e assuntos.

Esses desenhos conferem sentido ao cotidiano vivido e planejado pelas crianças, e alguns deles foram elaborados numa autoria coletiva. É imperativo destacar que buscamos manter a autoria das crianças desenhistas na elaboração do livro; contudo, por acreditar na importância da presença de alguns desenhos em sua composição, optamos por manter uma pequena parte cuja autoria é incerta ou desconhecida, prevalecendo questões concernentes à ética nas pesquisas com crianças.



■ Parte de trás da Ocupação Prestes Maia. Ocupação Prestes Maia. Acervo pessoal da autora. 2019.

Nesse sentido, a escolha e a manutenção dos desenhos foram realizadas com a participação das crianças, a maioria delas, nas relações possíveis e estabelecidas em tempo de pandemia e antes dela, quando na apresentação e demais momentos da pesquisa. Contamos ainda com o consentimento e a avaliação da coordenadora do movimento social que dá suporte às Ocupações mencionadas e das crianças, já que é delas que tudo partiu e permanece, e o termo de consentimento livre e esclarecido de familiares das crianças.

Finalmente, incluir algumas fotografias foi uma maneira encontrada para aproximar as crianças daqueles e daquelas que estejam manuseando o livro. Os registros fotográficos colaboram para a compreensão dos desenhos aqui reproduzidos enquanto ato e processo. Dentro dos limites presentes, propomos que se conheça um tantinho do processo de criação, a obra e suas criadoras, o que se fez também antes da pandemia.



■ Desenhos. Ocupação Prestes Maia. Acervo pessoal da autora. 2019.







■ Isaque. Ocupação Mauá. Setembro de 2019.

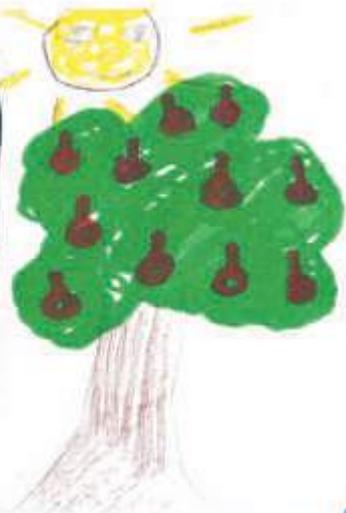




■ Larissa. Autoria incerta. Ocupação Mauá, Fevereiro de 2020.







Julia



JULIA





■ Pinturas. Ocupação Ipiranga.
Acervo pessoal da autora. 2019.



■ Autoria incerta. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.

**“tão curto era o tempo
que entre a manhã e a noite
não havia meio-dia
e já no velho terreno familiar
erguiam-se montanhas de concreto”**

**Bertolt Brecht
sob o impacto esmagador das cidades**

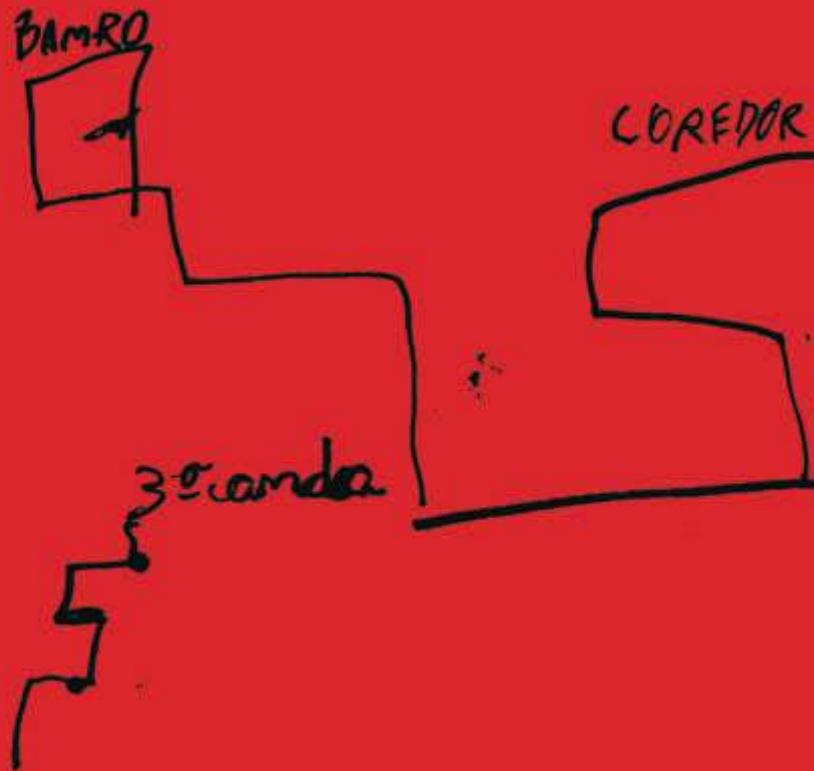




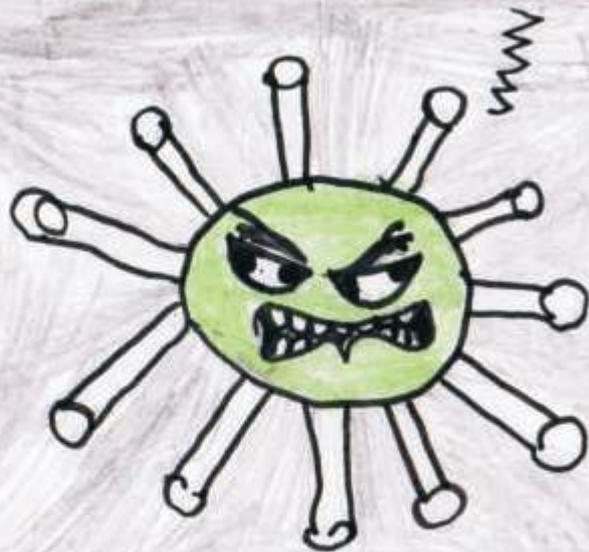
■ Grafite, autoria desconhecida.
Ocupação Mauá.
Acervo pessoal da autora. 2019.







■ Autoria incerta.
Ocupação Mauá.
Fevereiro de 2020.





um ponto
e nasce o mundo

Bruno Munari



■ Autoria incerta.
Ocupação Mauá
Janeiro de 2020.



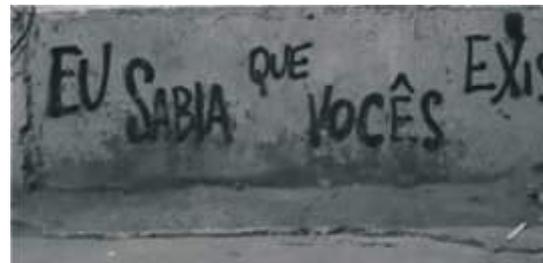
elogio ao vaguear

Ao desenhar, as crianças se apresentam ao mundo. Elas desenham, mas nem todas têm as mesmas oportunidades e condições para se expressarem em linhas, traços e formas. É importante pensar em classe social, gênero, raça, etnia, sexo, idade como marcadores sociais quando discutimos sobre o ato de desenhar. Ele e o que o envolve ensinam, entre tantas coisas, sobre a preciosidade do tempo. Tempo que reclama a todos que se percam nele debruçados sobre linhas e traçados, cores e formas e aquilo que nos levam a ver. Por vezes, os desenhos documentam sobrevivências e sobrevivem fazendo seus assuntos permanecerem ao longo do tempo e de períodos que poderiam ser esquecidos sem essas fontes documentais feitas por crianças. Seus traços reclamam por nós.

Desenhar não se resume ao que fica numa superfície. É o corpo que se alinha no espaço em gestos que registram a vida em inteireza, em diferentes aspectos, uma espécie de testemunho do tempo que contraria as égides da pressa como virtude e o mundo que se faz sob a batuta da rapidez e que exclui aquelas e aqueles



■ Rua Mauá - brincadeiras. Ocupação Mauá. Acervo pessoal da autora. 2019.



■ Grafite. Ocupação Mauá. Acervo pessoal da autora. 2019.



■ Pintura. Ocupação Ipiranga. Acervo pessoal da autora. 2019.

que se fazem no vagar, na observação, na reflexão, no gesto lento que não corresponde às expectativas do mercado. Estes e estas são excluídos, afastados como se não fizessem parte ativa da história. Não à toa os desenhos das crianças, especialmente daquelas com bem pouca idade, encontram-se também alijados de uma perspectiva mais inclusiva, de fora de nosso cotidiano e dos interesses nele formados.

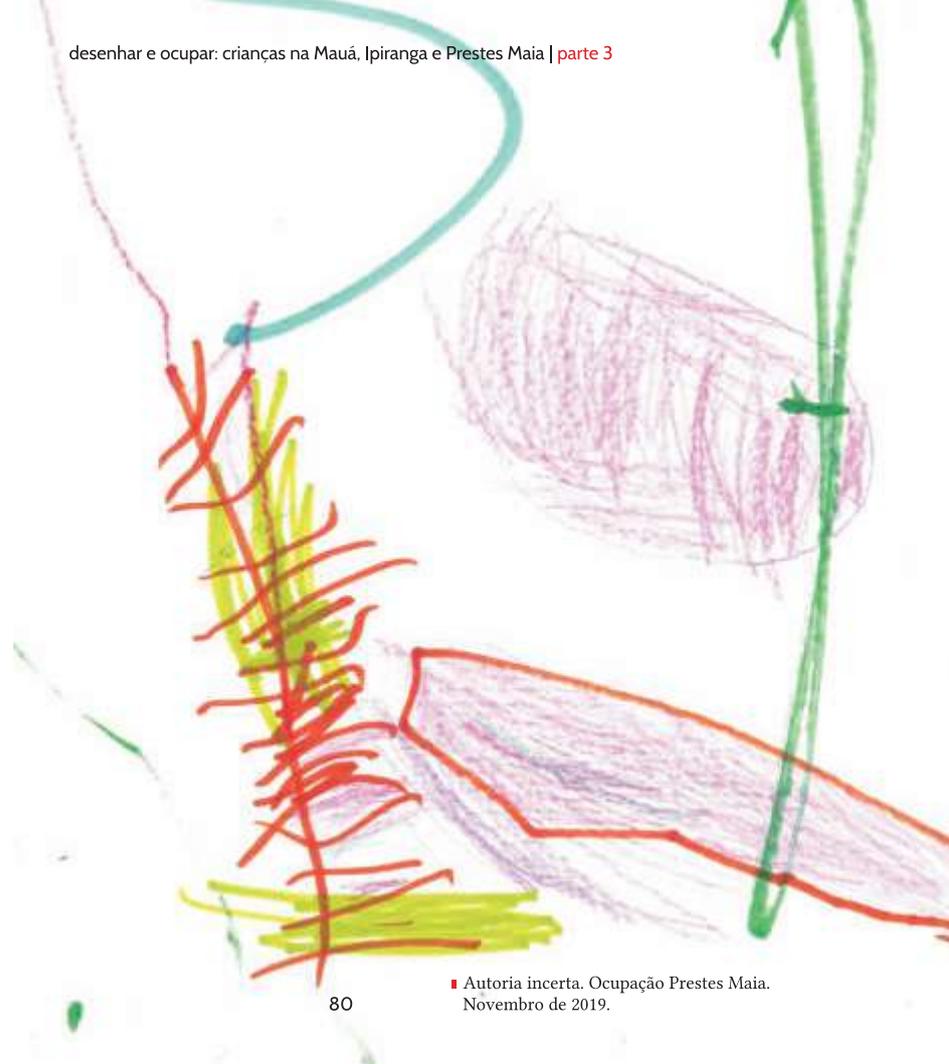
Na pesquisa, quando ainda estávamos juntas presencialmente, antes da pandemia, as crianças identificavam pessoas e a possibilidade de desenhar, fundamentalmente desenhar. Enquanto o desenho não acabava – nos diferentes momentos em que eram feitos – ficávamos juntas/es/os, o que levou a inferir que desenhar é também estar junto. Interessa refletir que o desenho é simultaneamente individual e coletivo, havendo um aprendizado importante sobre sua característica coletiva, o que impediu identificar uma única autoria em vários deles. As crianças iam se juntando aos poucos, se organizando, muitas delas, a partir de tímidas perguntas: Hoje vai ter? Vai ter desenho. O desenho foi chave principal para entendermos e nos relacionarmos com elas, mas não só. Os desenhos guardam registros do tempo e do espaço e os modificam, agentes que são quando na presença e na relação com pessoas, contam histórias dos ambientes que nos cercam e dos lugares onde vivemos.

Percorrer assuntos e as linhas e os traços que os formaram, cada um diferentemente do outro, é como manifestar um interesse velado de voltar ao gesto inicial promotor das primeiras faturas do desenho propriamente dito e das relações engendradas e construídas no cotidiano.





■ Pintura. Ocupação Ipiranga. Acervo pessoal da autora. 2019.



■ Autoria incerta. Ocupação Prestes Maia. Novembro de 2019.

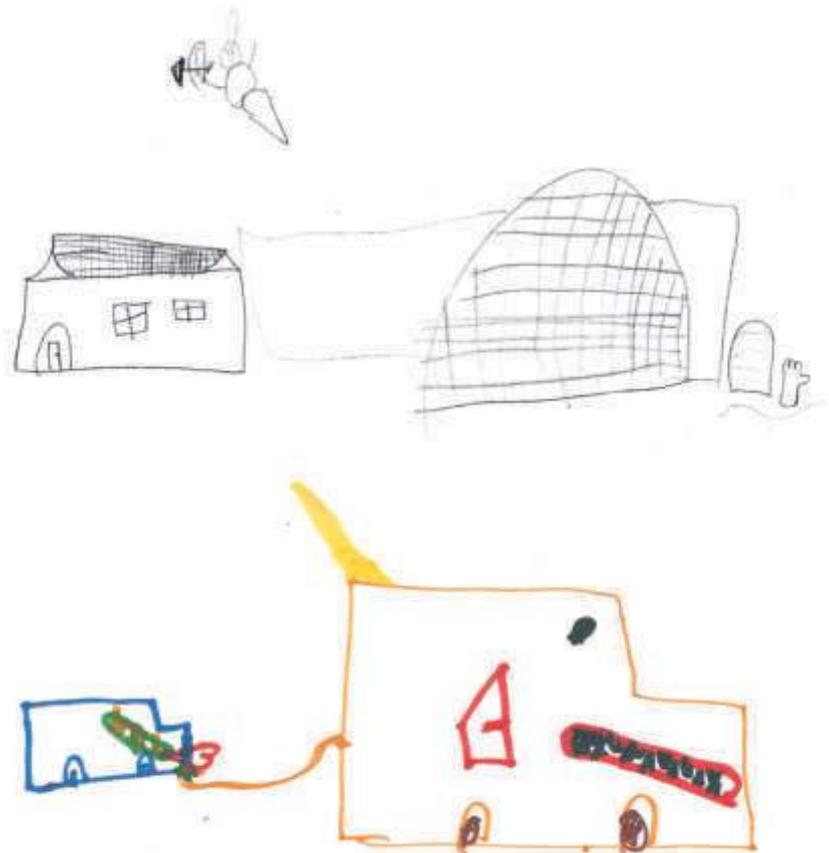


■ Pintura. Ocupação Prestes Maia. Acervo pessoal da autora. 2019.



■ Ocupação Mauá. Acervo pessoal da autora. 2019.





O corpo todo desenha e esparrama-se em gestos, os mais diversos. Num bailado, ora mais ligeiro, ora mais silencioso, são produzidos linhas, manchas e traços sobre o papel e outros suportes. Deitadas, em pé, pernas cruzadas, debruçadas sobre o papel: desenhos são feitos.

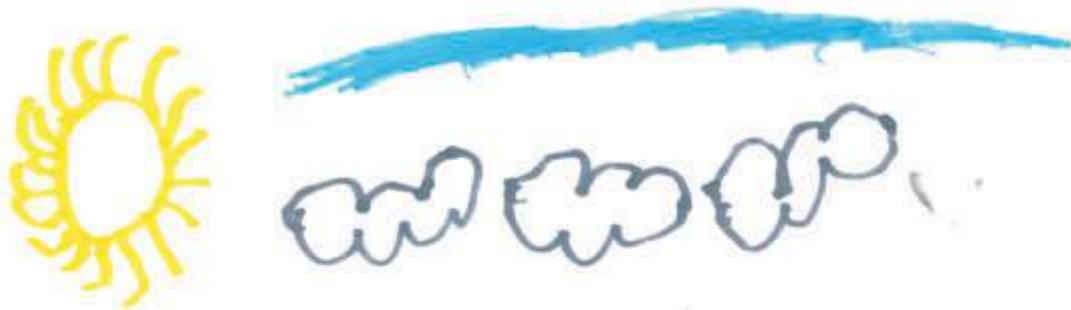


■ Desenhos. Ocupação Mauá. Acervo pessoal da autora. 2019.













■ Autoria incerta.
Ocupação Mauá.
Fevereiro de 2020.

desenhos da morada

Resultantes e produtores das relações que envolvem as crianças, a luta e seus diferentes significados produzidos no dia a dia, mostram-nos as amizades, a solidariedade, a vizinhança e alguns desdobramentos dessas relações. Na fatura dos desenhos, observa-se certa ocupação sensivelmente pensada dos suportes a serem pintados, desenhados em arranjos como bailados em que ao traçar cria-se uma fina relação entre corpo-material-criança-Ocupações. O desenho permite também que as crianças e nós nos situemos no tempo da feitura, do olhar, de sua circulação, e o que isso produz e nos interpela. É a singularidade de seus desenhos que vão nos mostrando, pouco a pouco, a inteireza de um lugar que é também produzido pelas crianças. Não se trata apenas de experienciar o desenhar em si e o desenho como produto apenas, mas observá-lo como ato que envolve o entorno – condições e pessoas – e o coloca como agente alterante do contexto e das condições em que está inserido. É preciso construir cumplicidade, não apenas com o desenho, mas com quem o faz, e isso importa demasiadamente.

■ Pintura. Ocupação Mauá. Acervo pessoal da autora. 2019.





■ Cenas do cotidiano. Ocupações Mauá e Prestes Maia. Acervo pessoal da autora. 2019.

Ao olhar atentamente, encontrávamos desenhos, alguns em brechas pequeníssimas como traços que sopravam vida, ou desejo por sua permanência. Elas esboçavam encontros improváveis com as crianças que lá estão, em lugares onde não pensávamos que seriam ocupáveis ou desenháveis, frágeis pelos materiais usados ou suportes. Sabíamos de seu eventual apagamento pelo tempo em madeiras e ranhuras nas paredes. Seguíamos como a indícios que tornavam as crianças presentes, mesmo em suas ausências físicas. Em meio a tamanha aridez presente na cidade, nas relações que são travadas entre seus moradores e suas moradoras, lá estavam seus traços, mais ou menos apagados. Os desenhos conferem presença às crianças, e elas a diferentes formas de vida, por vezes, em lutas diárias. Parecem efêmeros, e até o são mesmo, por isso os fotografamos e os apresentamos aqui. Guardá-los e depois continuar a vê-los permite aprender com eles, ainda que numa distância temporal dos processos dos quais eles derivam.

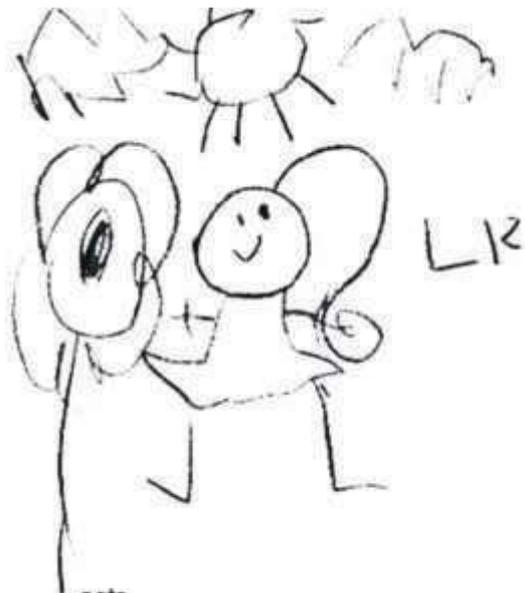
Desenhar é uma experiência corporal situada em tempo e espaço. Os desenhos carregam memórias, explicitam projetos e expectativas. Além disso, são artefatos culturais que compõem e apresentam narrativas várias. O desenho, mais que trazer o registro puro e simples, rememora a experiência (Cabau, 2016), fazendo-a retornar envolvida a outros experimentos e

possibilitando o encontro com pontos de vista de quem os fez; nesse caso, crianças moradoras de Ocupações em São Paulo, sobre as quais ainda pouco se conhece e às Ocupações por elas.

Pergunto-me sempre, ao olhá-los, quais os efeitos produzidos entre aquelas/es que os olham ou se fazem sentido somente a mim, à minha estada diante deles e depois, e tal como experiência arrebatadora, causadora de estupor, é capaz de me modificar. Como é essa relação com as demais pessoas? São capazes de produzir sensações? Quais os tipos?

Nem sempre, quase nunca, desenhava enquanto permanecia com as crianças nessas noites e dias, eu e o grupo de pesquisas já referido neste livro. Ainda assim, os traços do outro criança se emaranhavam a mim, o que me fazia supor que desenhava com elas em vários momentos, pois seus desenhos deixavam inscritos alguns aspectos de suas vidas. Olhar e estar junto, falar, pensar, guiavam os passos a serem dados, os movimentos que se tornavam comuns, despertavam sentimentos, os mais diversos, e arrebatavam dando sentido àquela estada e ao que ela envolvia sob diferentes aspectos.

Ao chegar a uma das Ocupações, num final de semana pela manhã, algo me toma e puxa o olhar: uma menina, bem pequenininha, agigantava-se num ato, num desenho com o qual



nota

[10] Refiro-me às membras e aos membros do Grupo de Pesquisas “Crianças, Práticas Urbanas, Gênero e Imagens”, por mim coordenado. Nesse dia na presença de Paula, Lilith, Juliana, Maria, Matheus, Cleriston e Victor e de uma professora do Ensino Fundamental de escola pública onde parte das crianças estuda.

me presenteava e me fazia pensar. Via naquele desenho a mim ofertado um presente-dádiva, sobre o qual escreveu Mauss (2017), em seu texto *Ensaio sobre a dádiva*. Seu desenho, feito com lápis grafite, num quadradinho de papel, começou a me fixar naquele lugar mais tempo que o esperado. Tratava-se do efeito da suspensão do tempo que o recebimento do desenho provocava em mim e, creio, em todas aquelas jovens pesquisadoras que estavam em volta naquele dia.[10] Atos tão simples e breves cuja força nos desloca do lugar comum de onde chegamos e nos coloca para dentro, vincula e traz o sentimento do “seja bem-vindo” e fique conosco em seus entreatos. Se, como na aceção de Mauss, esse ato remete à retribuição, fiquei pensando sobre o que constituiria retribuir a ela, às crianças, ao Movimento e suas lutas, a todos os atos de acolhimento que tive o privilégio de receber ao longo de anos.

Num canto de mim, essa cena me ocupa e permanece. Ela já foi descrita por mim em outra ocasião, como exemplo de relações com crianças em pesquisa, mas retomo aqui pela importância específica na elaboração deste livro, por fazer pensar em desenhos nas diferentes circunstâncias em que são produzidos e nas relações que produzem nos grupos, ao longo do processo de criação e seus resultados. Pela vida afora, a profusão de situações em que nos encontramos com essa expressiva

manifestação infantil, por vezes, obsta a compreensão em sua inteireza. Não paramos para observar, passamos sobre. A rapidez do tempo furta e tem fragilizado nossa capacidade de ver, impedindo-nos de sorver e alcançar o que os traçados apresentam e representam. Misturam-se entre tantos outros artefatos culturais criados por meninos e meninas e passam despercebidos como manifestação expressiva da infância. Salvo exceções, raramente nos ocorre que resultam de complexas relações dependendo das características sociais, históricas, culturais e econômicas de seus criadores que podem ser definidos também como pesquisas pessoais das crianças.

Em suma, nossa proposta aqui é a de tratar a compilação dos desenhos produzidos pelas crianças como um ensaio gráfico visual. No ensaio podemos encontrar a história das imagens criadas pelas crianças, e imagens da história, de suas histórias, pelos desenhos e que compõem outras relacionadas aos direitos à cidade e seus desdobramentos. Ademais, são desenhos que compõem e acolhem em atenção à vida dos outros e de todos ao mesmo tempo, por isso são um tantinho de histórias de crianças presentes nas imagens e na reunião delas. A contemplação do conjunto pode nos enlevar e remeter não apenas à construção de diferentes narrativas sobre as histórias de suas vidas, mas também ao (re)desenho de uma história de exclusão com elas,



■ Pintura. Ocupação Ipiranga.
Acervo pessoal da autora. 2019.

■ Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.



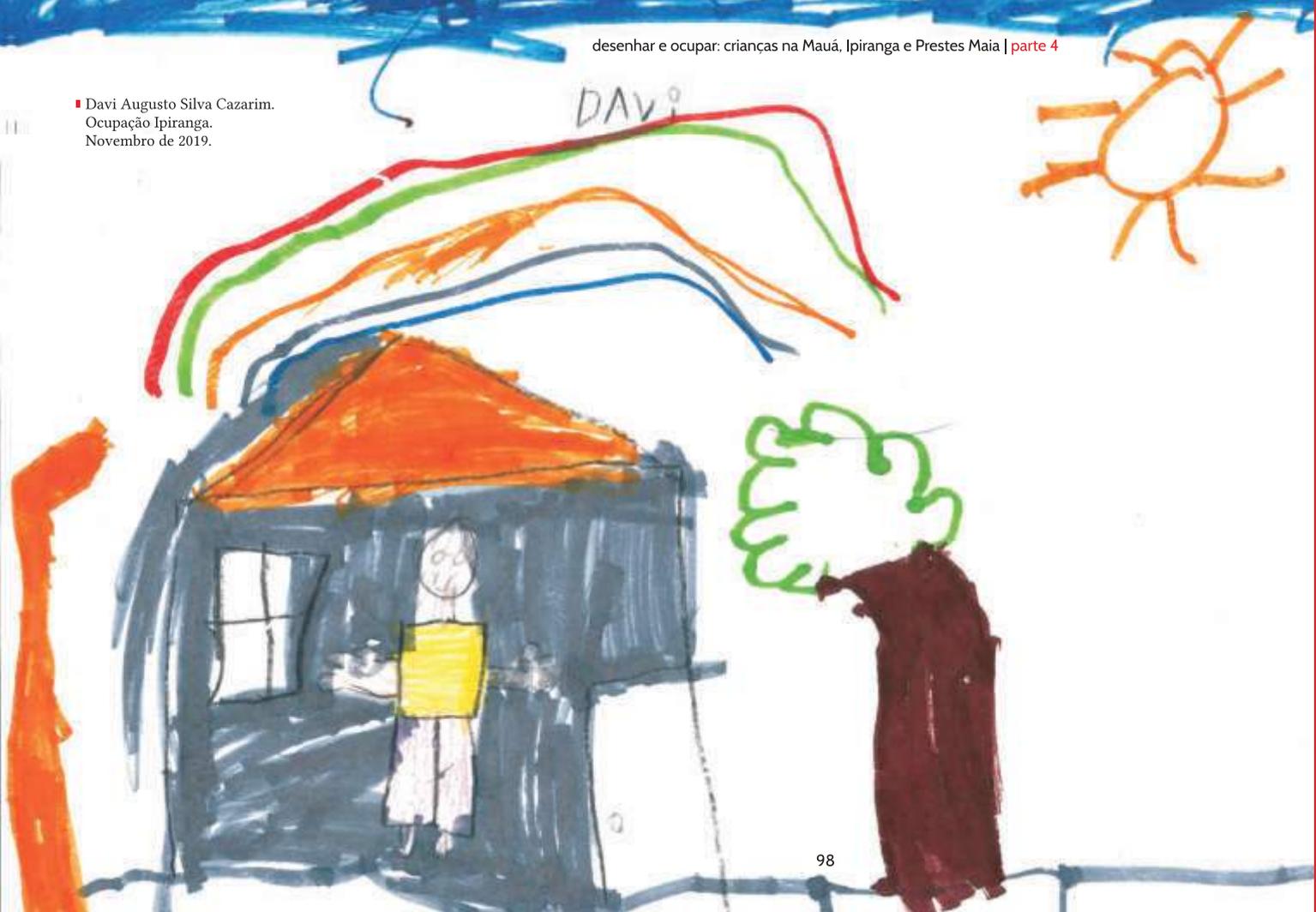
pois não podemos mais nos ater a questões sociais, àquelas concernentes à vida nas cidades, sem considerar as crianças, desde que nascem. Suas opiniões, pontos de vista, anseios, necessidades, sonhos. É isso o que temos aqui: um convite a pensar as imagens com e das crianças, e com isso refletir sobre infâncias e suas diferentes formas de estar e construir mundos.

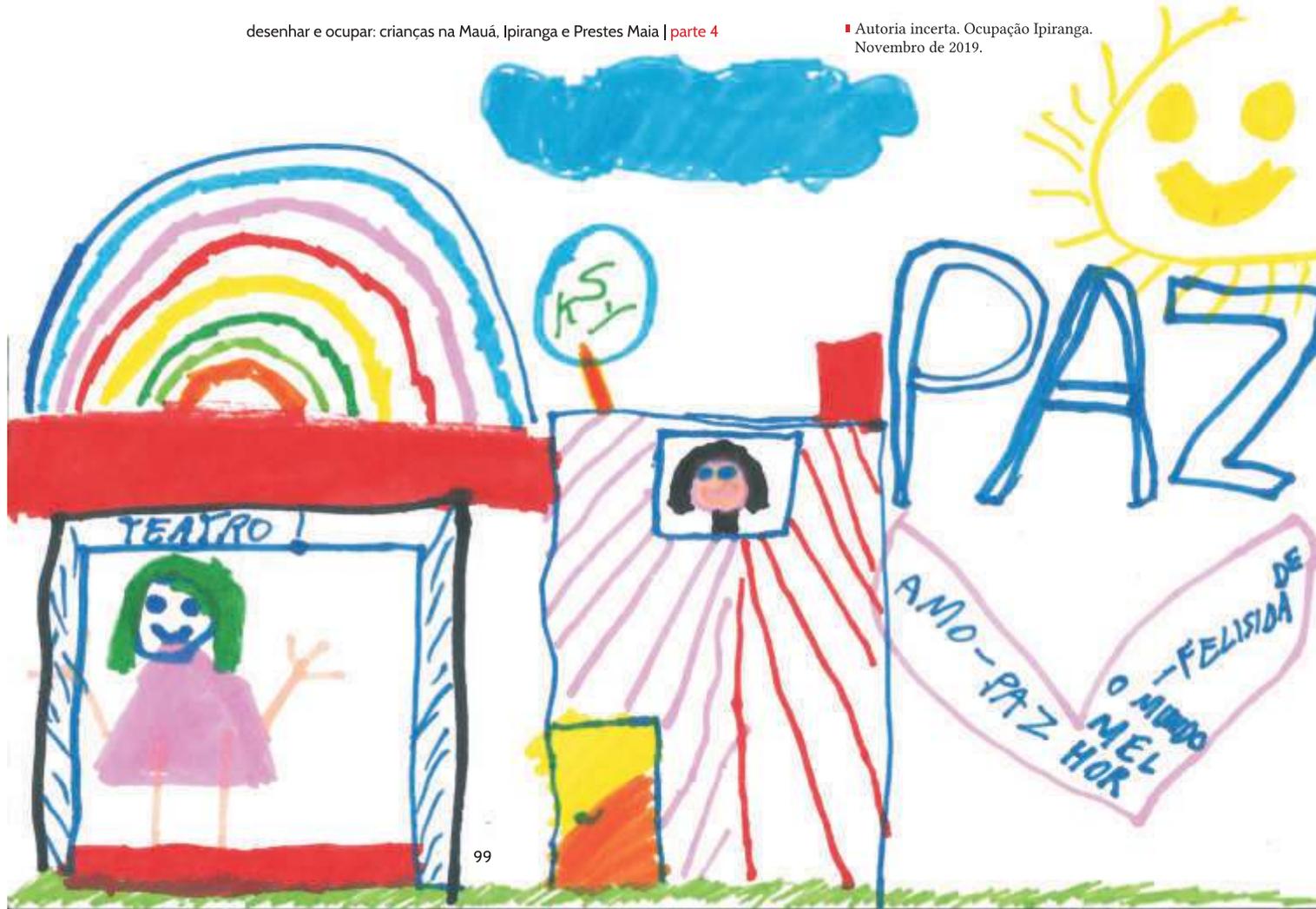


■ Teatro. Ocupação Mauá. Acervo pessoal da autora. 2019.



■ Davi Augusto Silva Cazarim.
Ocupação Ipiranga.
Novembro de 2019.

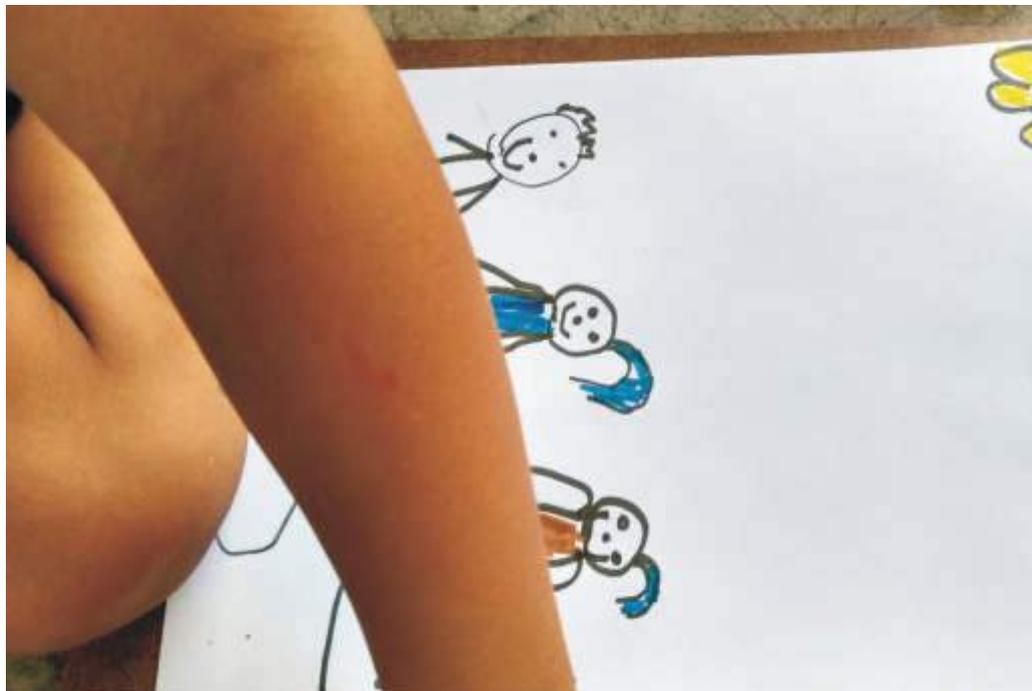






■ Argila. Ocupação Mauá. Acervo pessoal da autora. 2019.





■ Isaque. Ocupação Mauá. Março de 2018.

■ Autoria incerta.
Ocupação Mauá.
Fevereiro de 2020.



■ Pintura. Ocupação Ipiranga. Acervo pessoal da autora. 2019.



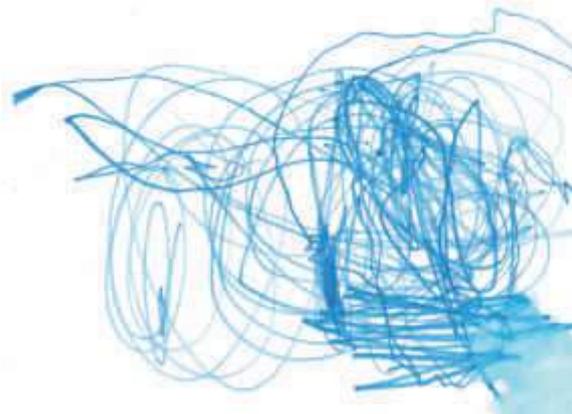
■ Jean Carlos Poltronieri da Silva.
Ocupação Ipiranga.
Novembro de 2019.





■ Pintura. Ocupação Ipiranga. Acervo pessoal da autora. 2019.

■ Autoria incerta.
Ocupação Mauá.
Fevereiro de 2020.

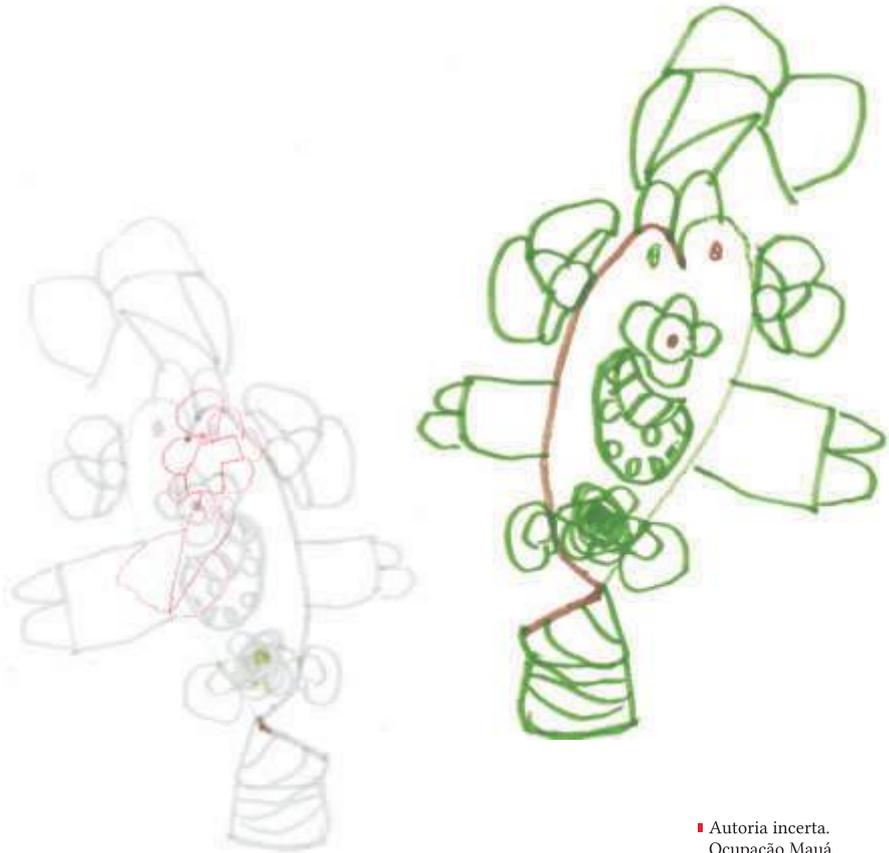








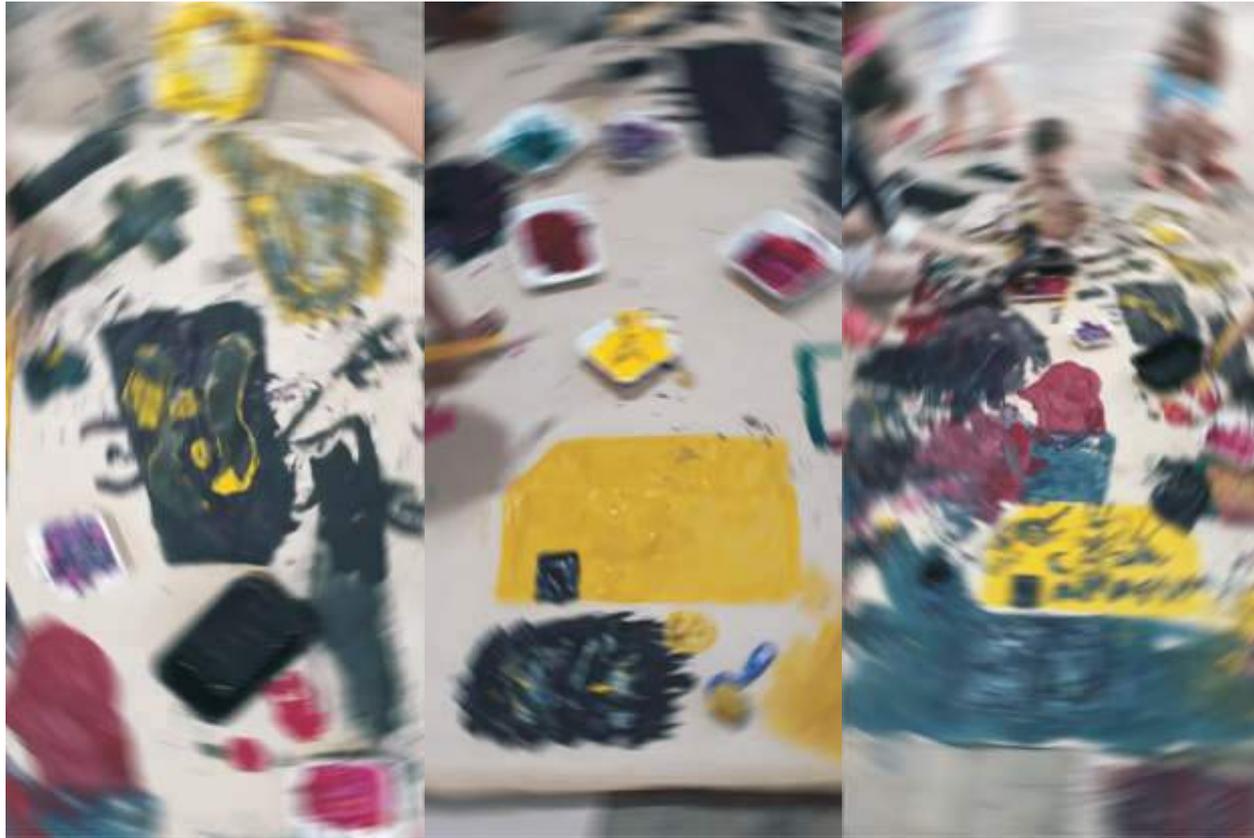
■ Pintura. Ocupação Ipiranga. Acervo pessoal da autora. 2019.



■ Autoria incerta.
Ocupação Mauá.
Março de 2018.



■ Pintura. Ocupação Ipiranga. Acervo pessoal da autora. 2019.





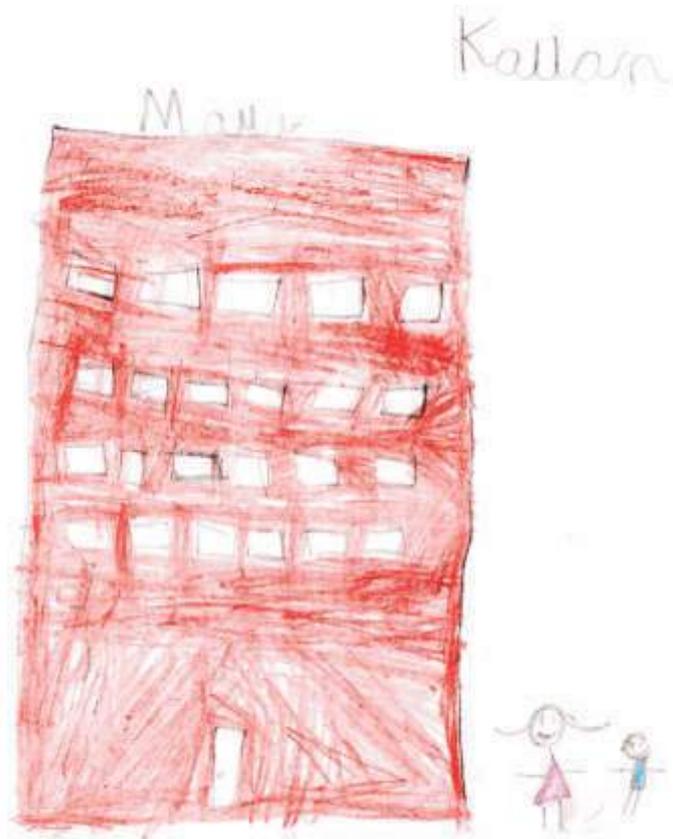
■ Pintura. Ocupação Ipiranga. Acervo pessoal da autora. 2019.







■ Autoria incerta.
Ocupação Mauá.
Fevereiro de 2020.



ref e rências

AFONSO, A. I. New graphics for a old stories: representation of local memories through drawing. In: PINK, S.; KÜRTI, L.; AFONSO, A. I. (Ed.) *Works images, visual research and representation in ethnography*. London; New York: Routledge, 2004.

AZEVEDO, A. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v.2, n.2, p.100-19, jan./ jun. 2016.

BRECHT, B. *Do guia para os habitantes das cidades: poemas e comentários*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2017.

CABAU, P. Crus e descosidos. Reflexões em torno do ensino do desenho da antropologia. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v.5, n.2, 2016.

CAMPANHA DESPEJO ZERO. Balanço dos dados até fevereiro 2022. *Campanha Despejo Zero*, 2022. Disponível em: <<https://www.campanhadespejozero.org/>>. Acesso em: 9 abr. 2022.

DIDI-HUBERMAN, G. *Olhar debruçado*. Lisboa: KKYM, 2015.

FARNE, R. Disegnare e giocare. In: STACCIOLI, G. *Pensare con le immagine: capire l'infanzia attraverso i disegni delle bambine e dei bambini*. Parma: Edizione Junior, 2021.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Déficit habitacional no Brasil. Fundação João Pinheiro, 2020. Disponível em: <<http://fjp.mg.gov.br/deficit-habitacional-no-brasil/>>. Acesso em: 9 abr. 2022.

GOBBI, M. *Desenhos de Outrora, desenhos de agora*: Mário de Andrade, colecionador de desenhos e desenhista. São Paulo: Fapesp; Annablume, 2011.

GOMES, I. B. “Deixei o desenho enterrado” ou como ressuscitar o grafismo enquanto metodologia antropológica: um caso prático. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v.5, n.2, 2016.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. São Paulo: UBU, 2017.

MUNARI, B. *Das coisas nascem coisas*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

REDE NOSSA SÃO PAULO. *Mapa da Desigualdade*, 2021. Disponível em: <<https://www.nossasaopaulo.org.br/2021/10/21/mapa-da-desigualdade-2021>>. Acesso em: 9 abr. 2022.

SALAVISA, E. *Diários de viagem: desenhos do cotidiano - 35 autores contemporâneos*. Lisboa: Quimera Editores, 2008.

SANTOS, M. Elogio da lentidão. *Folha de S.Paulo*, 11 mar. 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1103200109.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

TAUSSIG, M. *I swear I saw his: drawings in the fieldwork notebooks, namely my own*. Chicago: University of Chicago Press, 2011.



lista de imagens

Acervo pessoal da autora.

FOTOGRAFIAS

- Pág. 04: Janela da Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 08: Desenho. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 14: Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 23: Grafite. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 34: Tintas. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 36 a, b, c e d: Esculturas com argila. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 38: Jogo de futebol. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 40: Cartaz na entrada da Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 42: Desenhos. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 43: Pintura. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 44: Teatro. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 49: Kiara. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 50 e 51: Menino atrás da janela. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 56 a e b: Tintas. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 58: Parte de trás da Ocupação Prestes Maia. 2019.
Pág. 59: Desenhos. Ocupação Prestes Maia. 2019.
Pág. 62: Isaque. Ocupação Mauá. Setembro de 2019.
Pág. 63: Larissa. Ocupação Mauá. 2020.
Pág. 67 a, b e c: Pinturas. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 71: Grafite, autoria desconhecida. Ocupação Mauá. 2019.

- Pág. 77 a: Rua Mauá – brincadeiras. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 77 b: Grafite. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 77 c: Pintura. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 78: Pintura. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 80: Pintura. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 81: Pintura. Ocupação Prestes Maia. 2019.
Pág. 82: Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 83: Brincadeiras. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 84 a e b: Desenhos. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 85: Alisson. Ocupação Mauá. 2018.
Pág. 87: Pintura. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 91: Pintura. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 92 a e c: Cenas do cotidiano. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 92 b: Cenas do cotidiano. Ocupação Prestes Maia. 2019.
Pág. 95: Pintura. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 96: Teatro. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 100: Argila. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 101: Isaque. Ocupação Mauá. 2018.
Pág. 102: Pintura. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 103: Cenas do cotidiano. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 105: Pintura. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 108 a, b e c: Pintura. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 110 a, b e c: Pintura. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 111: Pintura. Ocupação Ipiranga. 2019.
Pág. 117: Cenas do cotidiano. Ocupação Mauá. 2019.
Pág. 120: Cenas do cotidiano. Ocupação Mauá. 2019.

DESENHOS

- Desenho de capa: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Março de 2018.
Pág. 06 a e b: Autoria incerta. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 07: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Janeiro de 2020.
Pág. 11: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Janeiro de 2020.
Pág. 12: Maria Vitoria Freitas de Lima. Ocupação Mauá. Março de 2018.
Pág. 17: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Março de 2018.
Pág. 20: Autoria incerta. Ocupação Prestes Maia. Novembro de 2019.
Pág. 24: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.

- Pág. 27: Autoria incerta. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 28: Kauê e João Artur. Autoria incerta. Ocupação Prestes Maia. Novembro de 2019.
Pág. 32: Davi Augusto Silva Cazarim. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 35: Autoria incerta. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 38: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 41: Autoria incerta. Ocupação Prestes Maia. Janeiro de 2020.
Pág. 42: Autoria incerta: desenho realizado por menina moradora da Ocupação Prestes Maia em 2019.
Pág. 45 a: Autoria incerta. Ocupação Prestes Maia. Novembro de 2019.
Pág. 45 b: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 46: Autoria incerta. Ocupação Prestes Maia. Novembro de 2019.
Pág. 47: Enzoh. Autoria incerta. Ocupação Prestes Maia. Janeiro de 2020.
Pág. 48: Maria Luísa Vieira da Silva. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 52: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 54: Enzoh. Autoria incerta. Ocupação Prestes Maia. Janeiro de 2020.
Pág. 60: Kauany de Lima. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 61: Josué Ribeiro Dias. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 62: Isaque. Ocupação Mauá. Setembro de 2019.
Pág. 63: Larissa. Autoria Incerta. Ocupação Mauá. 2020.
Pág. 64: Laís Emanuely Silva Almeida. Ocupação Mauá. Setembro de 2019.
Pág. 65: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 66: Júlia Gomes Nascimento. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 68: Autoria incerta. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 69: João Pedro. Autoria incerta. Ocupação Prestes Maia. Novembro de 2019.
Pág. 70: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 72 e 73: Isaque. Ocupação Mauá. Março de 2018.
Pág. 74: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 75: Ryan Gabriel S. Almeida. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 76 e 77: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Janeiro de 2020.
Pág. 79: Julia Gomes Nascimento. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 80 e 81: Autoria incerta. Ocupação Prestes Maia. Novembro de 2019.
Pág. 83: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Setembro de 2019.
Pág. 85: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Março de 2018.
Pág. 86: Autoria incerta. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 88: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Setembro de 2019.
Pág. 89: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Setembro de 2019.
Pág. 90: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 94: Liz. Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 95: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 97: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Março de 2018.
Pág. 98: Davi Augusto Silva Cazarim. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 99: Autoria incerta. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 100 e 101: Isaque. Ocupação Mauá. Março de 2018.
Pág. 102: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 104: Jean Carlos Poltronieri da Silva. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 105: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 106: Family Gomes Nascimento. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.
Pág. 107: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 108: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Março de 2018.
Pág. 109: Felipe. Autoria incerta. Ocupação Mauá. Dezembro de 2019.
Pág. 112: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Setembro de 2019.
Pág. 113: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Setembro de 2019.
Pág. 114: Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 115: Kauan. Autoria incerta. Ocupação Mauá. Fevereiro de 2020.
Pág. 119: Autoria incerta. Ocupação Ipiranga. Novembro de 2019.

■ Cenas do cotidiano. Ocupação Mauá. Acervo pessoal da autora. 2019.



desenhar e ocupar

crianças na Mauá, Ipiranga e Prestes Maia

ie]  Instituto de
Estudos
Avançados da
Universidade de
São Paulo

USP

Marcia Aparecida Gobbi